

**HISTÓRIAS
COM CRIANÇAS:**
SENTIRES E SABERES
DO GRUPO PROJETO
CRECHE



HISTÓRIAS COM CRIANÇAS: SENTIRES E SABERES DO GRUPO PROJETO CRECHE

Editor:

Grupo Projeto Creche/ESECS-PL

GPC Grupo
Projeto Creche

Autoras e/ou participantes no projeto:

Ângela Quaresma, Ana Lemos, Ana Pinto,
Ana Paula Carreira, Catarina Bagagem, Cláudia
Oliveira, Cristiana Salada, Daniela Couto,
Dora Fonseca, Edite Rodrigues, Isabel
Kowalski, Isabel Simões Dias*, Jacinta
Santos, Marilyne Gaspar, Sónia Correia,
Verónica Fonseca

Ficha Técnica

Título: Histórias com crianças: sentires e saberes do Grupo Projeto Creche

Autores: Ângela Quaresma, Ana Lemos, Ana Pinto, Ana Paula Carreira, Catarina Bagagem, Cláudia Oliveira, Cristiana Salada, Daniela Couto, Dora Fonseca, Edite Rodrigues, Isabel Kowalski, Isabel Simões Dias*, Jacinta Santos, Marilyne Gaspar, Sónia Correia, Verónica Fonseca

Editor: Grupo Projeto Creche/ESECS-PL

Edição: Centro de Investigação em Qualidade de Vida (CIEQV), Politécnico de Leiria, Politécnico de Santarém

Coleção: Edições CIEQV

Revisão: Ricardo Brites

Conceção gráfica: Patrícia Santos, Relgráfica, Lda.

Produção: Relgráfica, Lda.

www.relgrafica.com

Financiamento: *Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do Estímulo ao Emprego Científico – Apoio Institucional- CEECINST/00051/2018.

*Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto n.º UID/CED/04748/2020.

ISBN: 978-989-8797-73-5

Depósito legal: 496287/22

Tiragem: 100

Data: Março 2022

***Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do Estímulo ao Emprego Científico – Apoio Institucional- CEECINST/00051/2018**

***Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto n.º UID/CED/04748/2020**







DEDICATÓRIA

Dedicamos este livro a todos os profissionais e outros educadores que partilham o seu quotidiano com as crianças pequenas e que desfrutam das histórias que vão vivendo em parceria.



PREFÁCIO

Gabriela Portugal

Foi com todo o gosto que aceitei prefaciар o livro HISTÓRIAS COM CRIANÇAS: SENTIRES E SABERES DO GRUPO PROJETO CRECHE. A existência deste grupo, e das suas dinâmicas de partilha, debates e reflexões em torno dos desafios do trabalho pedagógico junto de crianças de idades entre os 0 e 3 anos, e das suas famílias, é algo inovador, inspirador e, por consequência, muito valioso. Parabéns!

A apresentação de um conjunto de histórias, partilhadas e conversadas, sobre oportunidades de aprendizagem, de desenvolvimento e de promoção do bem-estar da criança em idade de creche, reveste-se de grande interesse e atualidade. Claramente, são muito pertinentes as inferências que se podem fazer para a organização e dinâmicas a privilegiar no ambiente educativo da creche.

Da leitura das treze histórias, sobressai uma visão em que, sendo importante o foco na criança que se quer compreender, no seu contexto, e no processo de desenvolvimento que se pretende acompanhar e apoiar, a família é um elemento indispensável e crucial em todo este processo. Trabalhar em creche é trabalhar com as crianças e com as famílias.

É esse o fundamento da Portaria nº 262/2011 de 31 de agosto que define as normas reguladoras das condições de instalação e funcionamento das creches. Atendendo à realidade social e familiar dos dias de hoje, as respostas ao nível do serviço creche não podem ignorar que “as creches assumem um papel determinante para a efetiva conciliação entre a vida familiar e profissional das famílias, proporcionando à criança um espaço de socialização e de desenvolvimento integral, com base num projeto pedagógico adequado à sua idade e potenciador do seu desenvolvimento, no respeito pela sua singularidade”. No seu Art.3º - Conceito, é referido que “a creche é um equipamento de natureza socioeducativa, vocacionado para o apoio à família e à criança, destinado a acolher crianças até aos 3 anos de idade [...]”.

Neste enquadramento, nas treze histórias que são descritas no livro e

nas conversas subsequentes é possível identificar temáticas diversas e particularmente significativas para pensar a ação do profissional de educação em creche. Entre vários outros assuntos aflorados e a descobrir na leitura das histórias e das respectivas conversas, assinalo como mais marcantes as temáticas da relação com as famílias, da entrada para a creche, do papel do profissional de educação na relação com a criança, da oferta de oportunidades para brincar ao ar livre. São temáticas que, entre outras, perpassam diversas histórias e que, naturalmente, se interligam e complementam.

Assim, no texto, destaca-se a importância da qualidade da relação que é estabelecida com a família, sobressaindo a indispensabilidade de aperfeiçoar as competências de escuta e de empatia; de a comunicação ser aberta e bidirecional; de se apreciar e valorizar os pontos fortes da família; de se adotar uma atitude construtiva e de resolução conjunta de problemas.

Encontramos também a questão da entrada na creche (adaptação da criança à creche e adaptação da creche à criança) e dos desafios que esta comporta, desafios que requerem que o profissional de educação seja alguém com sensibilidade, empatia, uma boa formação de base que lhe confira conhecimentos em torno das dificuldades de separação e dos sinais de mal-estar da criança e dos pais.

O papel do adulto na ação junto das crianças é também assinalado em várias histórias. Sobressai a importância de um adulto sensível, atento, observador, não intrusivo, que estimula, promove a autonomia e expande a ação, o pensamento e a comunicação da criança. Fala-se de um adulto que respeita a criança e que reconhece as suas capacidades, necessidades e interesses, adequando o contexto às suas particularidades. Finalmente, salienta-se a importância do investimento e enriquecimento do espaço, em particular do espaço exterior, fazendo jus à apetência intrínseca e espontânea das crianças para explorarem, experimentarem e desfrutarem de experiências próximas de elementos da natureza, como água, solo, vento, chuva, e diversos elementos soltos, mobilizando todo o seu corpo e sentidos. São oportunidades que contêm múltiplas possibilidades de ação e de criação das crianças, ao seu próprio ritmo e de acordo com os seus interesses, e que evidenciam respeito pelas suas

iniciativas e pelo seu brincar.

Certamente, todos os pensamentos e sentimentos mobilizados neste percurso de partilha e reflexão sobre educação de crianças em idade de creche ajudará a garantir que as crianças possam sentir-se estimuladas e desafiadas, bem consigo mesmas, com os outros e o mundo em geral; ajudará a protagonizar atitudes de respeito e de apoio aos pais na assunção das suas responsabilidades, enquanto principais educadores das suas crianças. Na base de relações afetuosas e de respeito entre todos os seus protagonistas (crianças, famílias e profissionais) a creche providenciará as melhores condições para que todas as crianças sejam e se tornem cidadãos que contribuem para uma sociedade em que as pessoas se tratam umas às outras e ao ambiente de maneira respeitosa e sustentável.

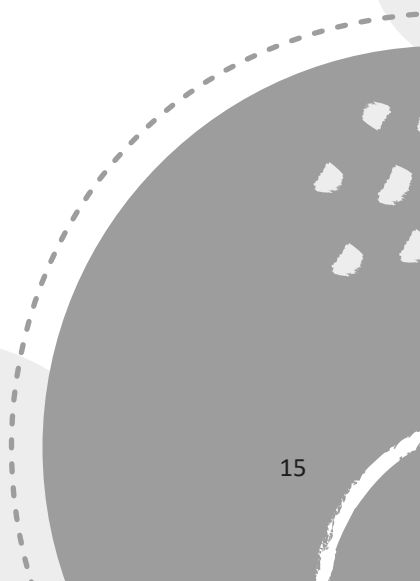
Por tudo isto, felicito as autoras e desejo-lhes o maior sucesso. Estou certa de que o seu livro contribuirá para a reflexão sobre a especificidade do trabalho junto de crianças de tenra idade. Por sua vez, essa reflexão poderá alavancar a criação de condições favoráveis ao bem-estar e desenvolvimento das crianças e à construção de famílias mais felizes, numa sociedade cada vez mais responsiva às suas necessidades.

ÍNDICE

PREFÁCIO	9
1. INTRODUÇÃO: DA HISTÓRIA DO GRUPO PROJETO CRECHE ÀS HISTÓRIAS COM CRIANÇAS	15
2. AS NOSSAS HISTÓRIAS	23
<i>– Mãe!!! Se te acalmares isto vai correr melhor...</i>	24
<i>Água e Alegria</i>	29
<i>Estratégias SOS</i>	34
<i>Esconde, Esconde!</i>	38
<i>A importância da verdade</i>	41
<i>Adaptação à creche</i>	47
<i>Onde está o chapéu?</i>	54
<i>A ansiedade de uma mãe em mudar o filho de escola</i>	59
<i>Uma nova conquista!</i>	64
<i>Visita ao berçário</i>	69
<i>A poça de água</i>	74
<i>O conhecimento que a criança tem!</i>	81
<i>Momento(s) de Escuta</i>	86
3. EM JEITO DE (IN)CONCLUSÃO ...	93



1. INTRODUÇÃO: DA HISTÓRIA DO GRUPO PROJETO CRECHE ÀS HISTÓRIAS COM CRIANÇAS



Era uma vez uma criança (até aos 3 anos) que saía do seu aconchego para ir para a creche.

Era uma vez uma família que precisava (ou optava) por inscrever a sua criança na creche.

Era uma vez uma creche que acolhia crianças e famílias.

Era uma vez um educador de infância que trabalhava nesta creche.

Era uma vez um desejo de querer saber mais sobre esta criança, esta família, esta creche e este educador.

Era uma vez um grupo de profissionais de educação (com experiências e idades cronológicas muito distintas) que acreditava que a creche é um contexto educativo com especificidades próprias e com significados únicos que merece uma atenção singular.

Era uma vez uma vontade de sentir pertença, de uma voz própria, vivida em parceria e enriquecida com olhares distintos.

Era uma vez um grupo de educadoras disponíveis para estar com, para escutar e partilhar, para ser e estar entre pares, numa lógica de constante formação.

Era uma vez o início de um projeto focado no diálogo, na tomada de decisão conjunta, no deslumbramento da descoberta de novos olhares, na aceitação de constrangimentos vários, na procura de provocações desafiantes num contexto securizante.

É desta cronologia que emergimos enquanto Grupo Projeto Creche (GPC), um grupo que surgiu na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais/Politécnico de Leiria no ano letivo 2008/2009 para responder à necessidade de partilha e reflexão sobre a ação educativa em contexto de creche, numa época em que se sentia a ausência de informação sobre o que era ser educador com crianças até aos 3 anos.

Atualmente, o nosso grupo conta com a participação de 12 educadoras, 1 técnica superior de educação e 3 docentes do Ensino Superior Politécnico. Com uma grande diversidade ao nível da formação (licenciatura, mestrado, doutoramento, seja na área da educação de

infância, das ciências da educação e/ou da psicologia), da situação profissional (educadora de infância em contexto de creche, de jardim de infância - rede privada, rede solidária, rede pública – e em contexto de formação de educadores) e da idade cronológica (dos 30 aos 70 anos), fomos encontrando ao longo do tempo uma forma de funcionamento que integra a especificidade de cada uma, respeitando a existência de um Eu num Nós.

Cada uma de nós, de forma voluntária, envolve-se nas reuniões (de reflexão e investigação), criando um ambiente de tranquilidade, propício à partilha de dúvidas, inquietações, aprendizagens, saberes e experiências. Neste ambiente, entre tantas outras atividades, redigem-se e sorteiam-se histórias vividas com crianças, discutindo-se o seu significado à luz da Educação de Infância. Nesta vivência, algumas de nós assumem, ainda, a tarefa de cuidar do grupo e constituem uma equipa de coordenação que vai acompanhando e avaliando os processos e os resultados do que vai acontecendo neste percurso formativo¹.

As diversas realidades vividas pessoalmente por cada uma de nós, trazem para o seio do grupo um núcleo de ideias, saberes e inquietações. Cada elemento partilha as suas experiências, as suas dúvidas e saberes, sem a preocupação de crítica, do estar certo ou errado, mas com o desejo de uma construção e desconstrução de saberes coletiva. Este à-vontade gera um ambiente de reflexão e de troca de saberes que origina no grupo o desejo de procurar esclarecer, pesquisar, levando assim a olhares investigativos que, nas reuniões mensais de reflexão, têm o seu ponto de partida em algum relato escrito de uma

1 Para saber mais sobre o percurso e a dinâmica do Grupo Projeto Creche, consultar, por exemplo:

Newsletter 1 – <https://www.ipleiria.pt/esecs/newsletter-1-grupo-projeto-creche-introducao/>

Newsletter 2 - <https://www.ipleiria.pt/esecs/newsletter-2-grupo-projeto-creche-a-crianca-em-contexto-de-creche/>

E-book “As nossas histórias com as crianças – olhares sobre a educação em creche”
-<https://www.ipleiria.pt/esecs/as-nossas-historias-com-as-criancas/>

história vivida com as crianças; ou episódio advindo de qualquer um dos “terrenos” (pessoais ou profissionais) em que cada uma de nós pisa – as nossas *Histórias com as Crianças*. É dentro desta espiral de olhares que nasce este livro que visa partilhar histórias vividas com crianças até aos 3 anos, em contextos diferenciados.

No ano letivo de 2019-2020, constatámos que já eram muitas as *histórias com as crianças* guardadas e que nunca tinham sido lidas e refletidas em grande grupo nas reuniões de reflexão. Estas histórias nunca tinham tido oportunidade de serem ampliadas em reflexões várias acerca da Educação de Infância (0-3 anos), eram apenas conhecidas pelas suas autoras, algumas já recordadas com dificuldade pelos vários anos que distanciam da vivência desses momentos. Para nós, as *histórias com crianças* são episódios potencialmente ricos em aprendizagens e, por isso, sabíamos que precisávamos de encontrar uma forma de as retirar da caixa, de fazer algo com elas que nos permitisse (re)descobri-las e expandir, assim, os nossos horizontes sobre a educação de infância. Começámos, ainda nesse ano letivo, a pensar em formas de execução, e, entre as várias ideias surgidas, aquela que nos fazia mais sentido, e que trouxe mais consenso grupal, foi cada história ser lida e conversada em pares dentro do nosso grupo. Apesar das indefinições que surgiram com a surpresa da pandemia, o grupo continuou empenhado em prosseguir esta experiência, delineando ideias que gostaria de vir a viver com este projeto no ano letivo seguinte. Assim, em 2020-2021, este projeto começou a ganhar forma, sendo vivido com entusiasmo. As reuniões dedicadas à dimensão investigativa (reuniões de investigação, de dois em dois meses) foram o espaço e o tempo em que todo o grupo conversava sobre os detalhes do processo já vivido e a viver. Em cada encontro, cada grupo de pares falava da sua experiência, partilhava a sua visão sobre a experiência de outros pares, buscando soluções em conjunto para resolver as situações desafiadoras e inesperadas que foram surgindo. A força deste projeto foi tanta que nas reuniões de reflexão, no momento das informações e partilhas de experiências, era impossível conter as partilhas de quem já tinha conversado com os seus pares,

de quem encontrou este ou aquele desafio para resolver.

À medida que fomos tomando consciência do resultado que estava a emergir constatámos que este projeto estava a (re)unir-nos nas nossas relações interpessoais. Os pares de conversa despoletaram novos espaços de convívio entre nós, grupo, e tivemos a possibilidade de um maior conhecimento mútuo. Em alguns casos estabeleceram-se novas interações, com pessoas do grupo com quem não tínhamos uma relação tão habitual e próxima. Para além disso, este projeto facilitou interações de interajuda que ultrapassaram as atividades do Grupo - muitas de nós experienciaram apoio tanto para a prática profissional como para situações da vida pessoal. Este projeto teve, ainda, a especificidade de nos voltar a colocar em contacto com algumas pessoas que em anos anteriores participaram no grupo e que, por razões diversas, não continuaram. Ficámos felizes por estas colegas se disponibilizarem para fazer parte deste projeto e, desta forma, continuarem a ser parte integrante da nossa história coletiva.

Caminhando e observando os passos desse mesmo caminho à medida desse caminhar

Com o intuito de recuperar 29 histórias (histórias redigidas entre os anos letivos 2013-2014 e 2019-2020) sobre experiências com crianças que não haviam sido alvo de leitura e reflexão conjunta em reuniões do GPC e com o envolvimento de todas, constituiu-se um grupo de trabalho que se dedicou à gestão das tarefas a desenvolver.

Após a compilação das histórias, contactaram-se as autoras para aferir a sua disponibilidade para participar neste projeto. Assim, de um total de 29 histórias, foi possível integrar 13 histórias neste livro. Concretizada esta etapa, a continuidade do trabalho passou por três fases: I, II e III. Definiu-se que a fase I se iniciaria a conversar à volta de 6 histórias e a fase II com as restantes 7 histórias. Em ambas as fases, a participação foi voluntária e ocorreu nas díades propostas pelo grupo de

trabalho tendo como critério o envolvimento de todas as pessoas do grupo (quer no papel de autor quer no papel de interlocutor na conversa)². Cada par era formado pela autora da história e outra participante e a forma de partilha foi estipulada entre pares. Cada conversa aconteceu em tempos e espaços possíveis para cada díade (houve pares que conversaram virtualmente e outros presencialmente) e foi gravada e transcrita. Numa dança de olhares, o par selecionou os excertos da sua conversa que considerou mais significativos, apresentando uma conversa de 3 a 4 páginas e enviou-o ao grupo de trabalho que, após análise, as devolveu aos respetivos pares com sugestões de leitura. Cumprindo os prazos estipulados para o envio da conversa, cada pequeno passo do processo foi determinante para responder aos desafios que foram surgindo e que se foram construindo e amadurecendo ao longo do processo. A transcrição das conversas levou-nos a inferir que cada díade falou de forma pessoal, fluida, reflexiva, genuína, a querer conhecer e entender diferentes significados educativos advindos das situações relatadas em cada história.

Na fase seguinte (fase II) foi utilizado o mesmo procedimento da fase anterior, mas com alterações nos pares de conversas, garantindo que todas as pessoas tivessem a oportunidade de interagir com outras pessoas do grupo e vivenciar dois papéis diferentes (o de quem experienciou a história e o de quem a leu). Findo este processo os autores deram um nome à sua história e identificaram os participantes (quantas crianças e quantos adultos envolvidos). Em alguns casos, o par optou pela substituição do nome da criança por um nome fictício a fim de proteger os direitos de privacidade e imagem da criança.

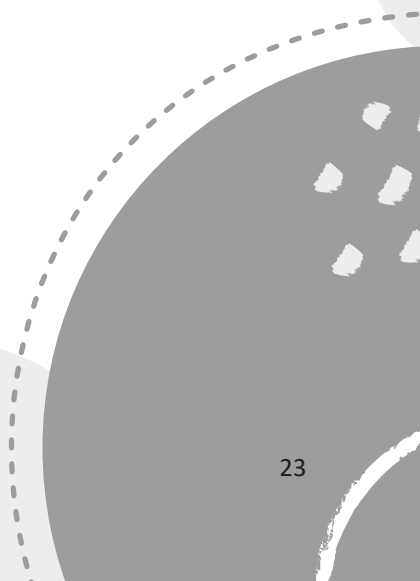
Na fase III, última etapa do projeto, definiu-se uma escrita a várias mãos da introdução e da conclusão e aferiram-se todos os aspetos relativos à edição do documento.

2 Para a organização das díades, os nomes das pessoas participantes foram ordenados por ordem alfabética. A proposta de pares foi elaborada alinhando a primeira coluna de nomes (A a Z) com a segunda coluna (Z a A).

Concluído este percurso, o livro agora apresentado integra 13 histórias conversadas entre pares, organizadas por ano letivo (do mais distante para o mais próximo).



2. AS NOSSAS HISTÓRIAS



– Mãe!!! Se te acalmares isto vai correr melhor...

Autora da história: AC

Data do episódio: setembro de 2014

Intervenientes: 2 adultos e 1 criança

O Rui de 10 meses chora compulsivamente. A mãe pega-o ao colo e embala-o. O choro continua... Desesperada a mãe tenta dar o biberão mas o Rui recusa e... chora.

A mãe embala-o, mas agora mais energicamente à medida que caminha pela enfermaria.

Aproximei-me e perguntei se o podia pegar enquanto a mãe “arejava” no corredor. Rui, ao meu colo, parou de chorar enquanto o aconchegava ao meu peito e sussurrava ao ouvido. A mãe volta... pega no bebé e a cena de choro repete-se! Triste diz: “ – *A senhora pegue nele por favor, pois ele consigo não chora*”. Agarrei o bebé, dei-lhe o leite e por fim adormeceu.

No final a mãe agradeceu e acabei por ficar a conversar com ela explicando que o motivo do choro poderia ser a ansiedade dela.

A mãe tranquilizou-se depois da nossa conversa.

Conversa entre AC e SC

SC: “ – A primeira coisa que eu quero partilhar contigo é que foi muito engraçado, porque realmente a história é pequenina, não é? E ao início parece que só há uma coisa que se destaca mais, mas depois quando *a gente* vai ver pode haver aqui mesmo muita coisa! Aquilo que me chamou logo a atenção foi em tão pouco tempo haver tantas emoções, não é? Desde a mãe, desde o bebé, não é? Até tu própria....”

AC: “ – Muitas emoções e, ao mesmo tempo, há muita consequência logo a seguir, percebes?”

SC: “ – Uma coisa gera outra, não é?”

AC: “ – Muito encadeamento, mas com resultado positivo. Um crescendo de situações que só com a prática é que conseguimos entender. Parece que andamos à procura da solução, mas elas surgem de forma encadeada.”

SC: “ – Sim, esta forma como tu lidaste com a situação, enquanto profissional de educação, é ação educativa! Muito centrada na gestão das emoções ali de toda a gente, mas é um trabalho pedagógico. Não é aquela “coisa” que se faça com um produto final que se apresenta, um trabalho que a criança vai pintar, que a criança, não sei quê! Mas há aqui uma riqueza enorme de trabalho, não é? De profissional!”

AC: “ – É preciso estar muito focado na situação, muito emocionalmente disponíveis, para que consigamos procurar soluções. Tu não sabes se vais ter a solução, mas pelo menos tu tentas e experimentas e arranjas esta estratégia, não dá tentas a outra, mas elas ocorrem no tempo, em curto espaço de tempo, tão pequeninos os tempos que medeiam entre cada estratégia que tu arranjas, em cada solução que tu procuras encontrar, são tão curtinhos, que parece que nem existem, mas na verdade existem!”

SC: “ – É muito engraçado, porque o primeiro impacto que nós temos, ao ler a tua história, é que é um pequeno episódio, mas acontecem milhares de coisas dentro dele, e em tão curto espaço de tempo há aqui uma constante ação do educador. Observei que a tua preocupação era procurar o bem-estar de toda a gente. Em primeiro lugar o bem-estar da criança que estava a chorar e que era preciso acalmar. Mas depois tu reconheces que a própria mãe precisa ali de tempo para ela e dás-lhe esse tempo para ela se acalmar.”

AC: “ – Porque a mãe estava numa escalada de ansiedade. O bebé chorava, estava agitadoíssimo, também não mamava, não estava tranquilo para comer. Isto era uma escalada de ansiedade muito grande entre ela e o filho, entre ela própria e a própria criança e até comigo. Eu achava que aquilo tinha que ser travado e arranjei esta estratégia, que resultou, não é? Tentar perceber, como é que o outro se sente, tentar perceber como é que o outro está. Sem juízos de valores! Pôr-me no lugar do outro. Eu acho que se todos nós, em todas as situações da nossa vida, sejam elas

a nível pedagógico ou não, conseguirmos colocarmo-nos um bocadinho no lugar do outro, vamos perceber muito mais coisas do que aquelas ideias formatadas que nós temos na cabeça. Eu tenho que “me meter” dentro das pessoas, eu tenho de sentir o que elas sentem, para conseguir percebê-las, em vez de ter uma atitude logo muito marcada, de crítica em relação ao seja o que for.”

SC: “ – Há em ti uma busca do entendimento do outro, não é? No fundo entraste na “personagem” deles. Para compreender o lado de cada um, compreender o que sente, o que ele pensa, evitando ao máximo os juízos de valor. Fazes uma viagem ao outro e depois voltas para agir, numa solução. Acho isso muito interessante! Enquanto profissional é tentar compreenderes o lado do outro. Neste episódio acabaste por estar em observação para a compreender e, depois, com essa informação toda conseguiste pensar nestas várias estratégias.”

AC: “ – É bom, conseguir-se fazer esse trabalho em tempo recorde. Foi tudo tão rápido!

SC: “ – Está aqui muita coisa em termos daquilo que eu acho que é o papel do educador de infância. Está aqui muito trabalho teu, nesta rapidez de que tu falas, não é? Isto fez-me pensar muito. Será que valorizamos mesmo isto em educação de infância? Será que isto é considerado trabalho do educador de infância? Isso é ação educativa ou não?”

AC: “ – Nem eu própria me dou conta das coisas que faço no dia-a-dia, porque disto não há registo, não há desenhos, não há trabalhos, não há nada. Aos olhos de outras pessoas se calhar eu passei ali um bocado que não fiz nada, percebes?”

SC: “ – Percebo AC, está nas nossas mãos valorizar estes episódios, enquanto profissionais de Educação de Infância começar a dizer mais ao mundo que isto é ação educativa também. Procurar este bem-estar de todos os intervenientes, nos episódios que podem demorar 5 minutos ou 20, e afirmar que isto é ação educativa. Este tempo todo que tu estiveste aqui, estiveste, plenamente, como profissional de educação, não estiveste a passar tempo, estava tudo acontecer com intencionalidade, a tua grande intencionalidade era mesmo procurar o bem-estar de toda

a gente. Quando nós pensamos em planificações, pensamos muito na criança. Mas a tua grande proposta foi para a mãe. No fundo tu estiveste a propor uma atividade à mãe (risos). O teu trabalho como educadora não passa só pela relação direta com as crianças, mas também com a família.”

AC: “ – Exatamente, exatamente... E gostaria agora de pegar aqui neste bocadinho aonde eu escrevi: “triste diz, a senhora pegue nele por favor, pois ele consigo não chora. Agarrei o bebé, dei-lhe o leite e por fim adormeceu”. Não foi importante ele beber o leite ou adormecer. Há aqui um trabalho que eu considero muito importante que foi, no final do bebé serenar e ter adormecido, eu tinha que falar com a mãe para a tranquilizar. Eu podia ter adormecido o bebé e ido embora, não é? Mas não, eu acho que esta parte última, quando eu estou a reforçar o falar com a mãe para a tranquilizar, é uma situação que pode acontecer e que bastava ela estar ansiosa para isto acontecer. A mãe tranquilizou-se, e isto era o que me importava no final, para ela não ficar com aquele sentimento de culpa, de baixa autoestima. Eu sabia, sentia que a ia tranquilizar. Era importante para ela, não é? Porque, repara, o bebé ia acordar para mamar mais vezes, e se eu não tenho tido este final com ela a situação poder-se-ia repetir.”

SC: “ – A tua conversa provavelmente evitou isso, passar por essa frustração, sentir incompetência enquanto mãe.”

AC: “ – Foi isso que tentei evitar.”

SC: “ – É muito importante enquanto profissional de educação fazeres esta última parte, teres este tempo de conversa com a mãe para, no fundo, partilhares a tua visão, para ela, depois, também, agir de outra forma. Ao falares com a mãe é como se tivesses dado “ferramentas” à mãe para ela ficar autónoma e dominar o processo que antes ela não dominava, não é?”

AC: “ – Eu acho que anulei ali medos, anulei sentimentos de culpa, anulei.... Ou tentei que ela percebesse isto como uma coisa normal, sem dramas, e explicando que são muitos os motivos que às vezes levam a que estas coisas aconteçam. E eu senti-a triste. Daí que depois tenha

tido essa necessidade de a acalmar. Foi no sentido de a tranquilizar como sendo uma coisa normal, que pudesse acontecer.”

SC: “ – Ensinaste-a.”

AC: “ – Nós também temos de os capacitar!”

SC: “ – Exatamente. É isso AC, e nós não podemos esquecer que a questão é mesmo: “eles são os principais responsáveis pela educação dos seus filhos!” (...)”

Água e Alegria

Autora da história: IK

Data do episódio: setembro de 2014

Intervenientes: 1 adulto e 1 criança

Na semana passada, a Carolina veio até à quinta com a mãe logo que saiu da creche. Como tinha chovido, no caminho as poças d'água estavam convidativas.

- *Avó, vamos brincar nas poças?*

- *Boa ideia! Temos de calçar os botins!*

- *Boa ideia!* Diz a Carolina aos pulinhos, olhos a brilhar.

Que linda tarde de outono! Um sol quentinho, o verde pelo campo, muito fresco, uma brisa muito suave.

Logo que chegou à primeira poça, a Carolina saltou, saltou e uns pingos e depois outros foram molhando calças e blusa.

- *Hóo! Hii....*

- *Não faz mal, depois lavas-te e lava-se a roupa.*

- *Está bem!*

Que alegria mostrava a Carolina e que alegria me passava a mim, ali sentada na berma do caminho a ver, a excluir: “- *Hii! Hoo! Heina! Tchiiii...*

Lembrei-me então dos passos que a Carolina já tinha dado desde que começou a olhar as poças do caminho! De meses, olhava a água, sentada na cadeirinha, depois atirava pedrinhas e ria-se ao ver o efeito, pequenas ondas... mais tarde atirava as pedras, estando em pé escolhia as poças. Depois ia para dentro das poças e batia com os pés... agora faz tudo isso e atira pedras e ri e alegra-se com as suas decisões e com os efeitos.

Como crescem!?

Conversa entre IK e CB

IK: “ – Eu já escrevi isto há muito tempo...e tu leste agora....”

CB: “ – O que me ressalta mais e me deixa mais deliciada, é o sentir da avó e da neta. Da avó aquela alegria interior, o deliciar-se por ver a neta. Para mim é a tranquilidade e a confiança, uma sensação de paz.”

IK: “ – Isso é verdade. É isso mesmo que se sente. Há ali uma união que ultrapassa o que se está a fazer ou o que está a acontecer.”

CB: “ – Nem falam, a avó e a neta não estão a falar....”

IK: “ – Pois não. Não é preciso explicar, nem dizer nada. É só partilhar aquela alegria. Há uma união naquilo que se sente. É uma sensação ótima!”

CB: “ – Pois, quando a avó olha assim, a criança tem esta sensação seja em que circunstância for: está ali alguém em silêncio a olhar para mim a dizer: estou contigo, confio em ti!”

IK: “ – O facto de ser ao ar livre, no campo, no meio da natureza, tem um cunho diferente. É muito aberto a tudo....”

CB: “ – Porque é a própria natureza que nos está a envolver em tranquilidade, ou nós estamos a emergir na tranquilidade da natureza.”

IK: “ – Naquele momento fazemos parte da natureza sem nos sentirmos presos, é uma experiência de fruição. Acredito que isso tem influência na maneira como a pessoa vê o mundo e a vida. Ter essa hipótese de contacto com a natureza, dá-nos uma sensação de liberdade e ao mesmo tempo de unidade com qualquer coisa que nos ultrapassa. Não é uma questão apenas física, também é sensível, racional, espiritual. Para mim, esta ligação com a natureza é essencial desde que se nasce.”

CB: “ – Ontem, assisti a uma formação sobre a imunidade e a formadora dizia que em pessoas saudáveis que tiveram um parto normal e que têm uma boa alimentação, um dos fatores para a imunidade é o contacto com a natureza.”

IK: “ – É uma saúde que envolve o ser humano no seu todo. É curioso que,

quando isto aconteceu, em 2014, a Carolina tinha dois anos e tal. Neste momento ela gosta de andar por cima das poças com os botins mas, como temos um pequeno lago que tem uma espécie de ilha com um carvalho no meio, para ela, agora as poças já são maiores. Agora, os netos dão saltos para a ilha, fazem e brincam com barquinhos, fazem pequenas cataratas; imaginam que são piratas, dragões e mais não sei que mais; têm o cuidado de limpar os regos que levam as águas para lá; gostam de ouvir o som da água a correr.... Se não tivessem tido essas primeiras experiências nas poças se calhar era diferente, não sei. Ver a evolução também é uma coisa muito bonita.”

CB: “ – Também me surgiu a questão da experimentação e exploração. A avó não interferiu, a avó só observou e foi um observar de: “ – *estás livre!*” A interferência foi de liberdade. No berçário e na creche acontece muito os bebés estarem a agarrar alguma coisa e logo se diz: “ – *Olha aqui isto!*” E se vamos lá para fora: “ – *Olha esta folha! Olha aquele pássaro!*” E os bebés precisam de contemplar.”

IK: “ – Precisam da fruição e da observação espontânea, com tempo.”

CB: “ – Isto de não interferirmos é tão importante!”

IK: “ – Mas não quer dizer que as crianças não estejam acompanhadas. Fazer companhia sem lhes dizer como é que se devem portar e o que devem fazer, mas como que a dizer-lhes: “ – *Vá, anda! Anda que eu estou aqui contigo e também estou a gostar*”.”

CB: “ – Quando uma criança está a começar a andar eu agarro na camisola cá atrás e há uma altura que só toco com o dedo nas costas como que a dizer: “ – *Eu estou aqui!*” E eles pensam: “ – *Eu posso andar, ela está a agarrar*.” Esse olhar atento da avó dá força para avançar como a força do dedo. Eu lembro-me de ir para a escola a partir o gelo nas poças.

IK: “ – A água é um elemento fascinante na vida das crianças. A poça, o mar, o rio, o riacho....”

CB: “ – Eu acho que é como a terra. É uma exploração ilimitada. E eles não se cansam. É um brincar de que não se cansam.”

IK: “ – Neste verão a mangueira serviu para muitos banhos. Posta a apontar para cima a fazer um repuxo era uma maravilha...: “ – ÁHH...” E com o sol a dar-lhe, Ai que bonitas as gotas! “ – *Olha, está um arco-íris!*” Outro foco com água de que eu gosto muito, e os netos também, é o orvalho pela manhã com o sol a dar-lhe. E o sol nas teias de aranha, nas ervas cobertas de orvalho, nas gotas nas árvores, Que maravilha.... E o espanto que provocam....”

CB: “ – Nós moramos numa zona alta e nesta semana todos os dias quando acordamos não vemos as casas. Então os meus filhos, de manhã, não veem a casa dos avós porque nós estamos acima do nevoeiro. “ – *Como é que nós estamos mais altos do que o nevoeiro?*” E não entendem a explicação. Por isso ficamos com a parte encantada.

IK: “ – E é outra forma de água. É incrível esta relação com a água como há com a terra, como há com o vento.... E quando eles veem a água que está nas ervas e na terra a evaporar-se e dizem: “ – *Olha o fumo a vir da terra!*” E tudo isto podem observar no campo. Se estivessem entre prédios seria complicado.”

CB: “ – Iam fazer fichas sobre isto!”

IK: “ – Esta hipótese de contacto com a natureza é algo que deveria ser facilitado desde que se nasce. Estar lá fora, fazer sesta ao ar livre, sentir o cheiro da humidade, da terra, agora o dos cogumelos... O cheiro dos cogumelos lá fora é agora tão forte!”

CB: “ – Eu gosto muito do cheiro quando começa o outono, quando caem as primeiras chuvas, o cheiro a terra. Eu adoro esse cheiro....”

IK: “ – Nós aqui em Portugal podemos estar lá fora com as crianças o ano inteiro, mesmo em dias com chuva.”

CB: “ – Eu também digo isso aos pais. Eu acho que nem temos necessidade de ir lá para fora com as crianças num dia de chuva só para dizer que vamos lá fora com chuva. Os países do Norte têm essa necessidade, se não, não vão à rua, mas nós não. Se chover de manhã não saímos de manhã saímos à tarde...chover o dia inteiro é coisa de 3 dias e ninguém morre por não ir lá fora 3 dias.”

IK: “ – E se durante o passeio apanharmos uma chuvinha que não era esperada, também não faz mal, é uma outra experiência!”

CB: “ – Se caírem uns pingos grossos quando estamos lá fora, eu não vou logo para dentro com eles. Temos de apanhar ali uns quantos. Mas não há necessidade de ir com eles para a rua para apanharmos chuva.... É uma matéria a viver com o corpo....”

Estratégias SOS

Autora da história: VF

Data do episódio: setembro de 2014

Intervenientes: 1 adulto e 1 criança.

Estou responsável pela sala dos 2/3 anos, na qual tenho 14 crianças. No dia 1 de setembro iniciamos o ano letivo 2014/2015.

A Equipa Pedagógica procedeu ao acolhimento, com muito carinho. No entanto, 2 meses depois, como educadora tenho-me sentido desconfortável em relação ao comportamento de 1 criança.

A V. iniciou o ano letivo no dia 1 e ao fim de 2 meses a sua adaptação ainda não estava concluída.

- Tem personalidade forte;
- Nega tudo;
- Chora imenso quando a vêm buscar ao final do dia o que provoca desconforto na família e na creche.

- Que estratégias aplicar para que isto não aconteça?

- Só quando me vê aborrecida e a entoar a voz é que aceita e obedece! Isto não é normal....

- Muda de comportamento de forma repentina, isto é, está bem-disposta a brincar e sem motivo começa a chorar a chamar pelo pai, mãe e avó....

É normal uma criança permanecer 2 meses num contexto e ainda se sentir insegura?

Conversa entre VF e CS

VF: “ – Para mim, neste momento as estratégias passam por tentar dar um bocadinho de mimos, explicar, falar mais e tentar encontrar algo que a criança goste, para fazer a ponte.”

CS: “ – Eu acho que, além disso, a criança também foi no dia 1 [de setembro] e provavelmente....”

VF: “ – São as piores alturas, porque é muita confusão no início....”

CS: “ – Sim, são adaptações também para as restantes crianças à nova sala, não é? Mas, caso te recordes, quando a V. foi no dia 1, foi logo o dia inteiro, foi só a manhã, como é que costumavam fazer?”

VF: “ – Não, nós costumamos fazer adaptação gradual, portanto não creio que tenha sido. Acho que não me lembro de ninguém ir....”

CS: “ – E ficar logo o dia inteiro....”

VF: “ – Sim. Portanto a adaptação deve ser feita de forma gradual e deve-se tentar trazer algum objeto de transição, que facilite. E é a este comportamento de mudar de forma repentina é que temos que estar atentas, porque se calhar houve ali algum interesse e a V. mudou a atenção. Entretanto, se calhar fomos arrumar ou fazer outra coisa e foi o suficiente....”

CS: “ – Para mudar o comportamento...ah e só quando ela te vê aborrecida e a entoar a voz é que a V. obedece, era quase como medo, não?”

VF: “ – Pois, com medo ou então está habituada a que lidem com ela dessa forma, não sei, mas há aqui duas vertentes.”

CS: “ – É verdade. É assim, se é o medo...bem, tanto uma como outra não são muito boas, não é?”

VF: “ – Pois...não sei se este choro se era, por exemplo, quando me vê aborrecida, não sei se era com ela se era com as restantes crianças. Porque podia ter a capacidade de ver a minha reação com as outras crianças...não sei.”

CS: “ – E acabar por...não é bem integrar-se, mas por se envolver também no grupo....”

VF: “ – Sim! E isto é normal, permanecer 2 meses, é normal sim senhora! Sobretudo quando...agora percebo que sim. Quando vêm de casa, depois são integrados ali numa sala com tantas crianças, acho que sim. E cada vez mais, eu acho, sinceramente que é mais difícil. As adaptações são mais difíceis.”

CS: “ – Eu acho que logo de pequeninos, tipo 4/5 meses custa mais aos pais.”

VF: “ – Pois é!”

CS: “ – Depois, a partir dos 8/9 meses as crianças já se começam a aperceber, não é? Pelo menos foi o que eu fui vivenciando. E depois, a partir dessas idades é realmente mais difícil ficarem num sítio que não conhecem. Também se pensarmos bem, quando os pais vão visitar a creche, para ver se querem que os filhos fiquem lá ou não, eu nunca vi nenhum pai a levar um filho....”

VF: “ – A sério? A mim costumam levar sempre, nós dizemos para levar....”

CS: “ – Eu nunca vi...no primeiro dia em que vão visitar a creche...nunca vi os pais a levarem os filhos.”

VF: “ – Sim....”

CS: “ – Ou seja, dá-me a sensação que...”

VF: “ – Pois, isso está mal, nós até costumamos dizer aos pais para levarem os filhos...eles até costumam brincar.”

CS: “ – Engraçado...nos contextos em que eu estive, não. Então, o que eu pensava era: “ – *Ok, os pais já conhecem o sítio, já conhecem as pessoas, ou pelo menos tiveram um primeiro contacto e depois, quando as crianças vão, acaba por ser o primeiro contacto e têm que ficar umas horas, porque assim os pais entendem e confiam....*”E acaba por ser um sítio estranho para as crianças, embora para os pais também seja, mas eles já conheceram antes e as crianças não e isso ao mesmo tempo também faz algum....”

VF: “ – Mas tu achas que não levaram...porque há pais em que as crianças devem estar noutras instituições e vão a horas em que...pronto. Ou achas que não levam porque a instituição não permite?”

CS: “ – Eu acho que nunca calhou, os pais nunca me questionaram sobre isso e as creches não falam nisso....”

VF: “ – Às vezes até os mais velhos vão!”

CS: “ – Aí acredito que sim, agora tão pequenos, de 1/2 anos eu não me recordo de ver a irem com os pais quando vão conhecer as instituições...”

VF: “ – Nós temos uma piscina de bolas na parte da creche e às vezes as crianças param e ficam lá a brincar, porque é sempre uma coisa que eles gostam.”

CS: “ – Estas questões sempre me fizeram confusão....”

VF: “ – Isso também faz diferença para a adaptação!”

CS: “ – Então não faz! Embora os pais sintam e demonstrem confiança, quer dizer, é como se nós fôssemos para um local que nos é estranho e que nos “pedem” para estarmos bem, quando não conhecemos ninguém, não é?”

VF: “ – E quem não tem tanta facilidade de adaptação e socialização ainda é pior!”

CS: “ – Sim, por isso, daí o permanecer 2 meses num contexto e se sentir insegura, pode ser essa dificuldade em integrar-se ou em adaptar-se, as rotinas são diferentes, pois podiam estar habituados a estar em casa com alguém e agora deixou de estar....”

VF: “ – E numa sala de 2/3 anos são muitos....”

CS: “ – É verdade! E depois é assim, imagina, uma criança habituada a estar sozinha com o pai, com a mãe, com a avó ou com quem quer que seja, e de repente....”

VF: “ – Vem para ali para junto de 18 crianças, não é fácil não!”

CS: “ – Pronto, acho que também seria importante esse tipo de reflexão!”

Esconde, Esconde!

Autora da história: AQ

Data do episódio: outubro de 2015

Intervenientes: 1 adulto e 1 criança

Não me recordei qual o dia exato da ocorrência do episódio que relato, apenas o local, creche e jardim-de-infância privado, e o tempo (foi na hora do recreio — pátio exterior do espaço).

No espaço exterior existe um escorrega, daqueles compostos por casinhas. O material é de plástico. Em cada uma das extremidades da casinha está uma janela. E reparei que as crianças (principalmente, os mais pequeninos, 2/3 anos) gostavam muito de ir brincar para ali, porque tem escorrega! Num momento de observação, reparei que o Santiago (2 anos) estava entretido a brincar nessa casinha, no sítio onde está uma das janelas. E espreitava para fora. Fui ter com ele, e ele olhou para mim. Baixei-me, tentando-me esconder, e ele fez o mesmo, também se baixou para se esconder de mim. Repetimos esta brincadeira algumas vezes. Ele ria às gargalhadas e eu também me delicieei a brincar com ele!

Conversa entre AQ e JS

AQ: “ – Começo por dizer que já não me lembro da criança da história. Este episódio aconteceu numa altura em que eu estava desempregada. Não estive muito tempo neste espaço, só ia à instituição alguns dias. Foi uma experiência gira! Na altura estava a fazer trabalho de auxiliar: dava comida, brincava com eles, fazia limpezas, era um pouco “tapa buracos”. Não foi a melhor altura da minha vida e não foi a melhor experiência da minha vida...mas tudo vale a pena!”

JS: “ – Indo ao encontro da história, como primeiro impacto parece-me que no exterior não havia muitos materiais.”

AQ: “ – Era um espaço pequeno. Recorde-me que no exterior tam-

bém havia uma piscina, sim porque estávamos na altura do verão. Na altura a dona do espaço estava constantemente a prometer às crianças que em breve poderiam ir à piscina e nunca foram, pelo menos enquanto estive na instituição. No exterior não havia diversidade!”

JS: “ – É engraçado como podemos ver na história como as crianças adoram imitar os comportamentos dos adultos, como a brincadeira esconde-esconde. É muito importante brincarmos com a criança e não simplesmente estarmos a tomar conta!” (risos)

AQ: “ – Distraía-me brincar com as crianças! Muito sinceramente e indo ao encontro da minha personalidade, não gosto muito de dar confiança às pessoas que não conheço (adultos). Assim ao brincar com as crianças, não me distraía e estava simplesmente com e para a criança.”

JS: “ – Para mim, assim é que faz sentido! Eu, quando estou no exterior não me encontro com uma postura de “tomar conta”, mas sim, entro nas brincadeiras e no mundo das crianças. Por vezes, sou uma verdadeira palhacinha.”

AQ: “ – Faz-me impressão os adultos não brincarem com as crianças. Acho estes momentos muito interessantes!”

JS: “ – O exterior é um espaço livre onde podemos interagir com a criança, sermos crianças! Sinto que muitas instituições têm no seu exterior estes materiais de plástico, no meu parecer, falta mais materiais do quotidiano. Há pouco tempo estive numa formação em que duas educadoras relatavam as brincadeiras no exterior da sua instituição...as crianças vão para a rua com sol, chuva, brincam com painéis, batedeiras, com uma cozinha de lama. Acho espetacular estes elementos, o contacto com os materiais do dia-a-dia, com a natureza!”

AQ: “ – Isso é o que falta nas instituições! O espaço era muito pequeno...ao ser pequeno promove mais birras?”

JS: “ – Ao ser pequeno, envolve uma maior partilha de materiais/ espaço...e ao estarmos a falar de crianças com 2/3 anos, faixa etária caracterizada pelo egocentrismo, leva a mais birras e conflitos.”

AQ: “ – Noto isso com um elemento da minha família, pois está nessa idade.”

JS: “ – O exterior ajuda na partilha, nas brincadeiras, nos diferentes elementos. As crianças tinham muito contacto com exterior?”

AQ: “ – Um bocadinho de manhã e de tarde.”

JS: “ – As salas tinham acesso direto ao exterior?”

AQ: “ – A instituição era uma vivenda. Havia um corredor que tinha acesso ao refeitório e ao exterior. Mas as salas não tinham acesso direto.”

A importância da verdade

Autora da história: AP

Data do episódio: setembro de 2016

Intervenientes: 5 adultos e 1 criança

Uma vez que neste ano letivo podemos abarcar outras vivências e histórias tidas no nosso local de trabalho sem serem com as crianças. Vou contar uma que se passou com a mãe de uma criança de 3 anos de idade. Esta é para nós refletirmos na importância de contar a verdade aos pais e não omitir ou mentir, porque as consequências podem ser mais complicadas do que inicialmente se pensava. Além disso, os profissionais que lidam com as crianças na fase de adaptação têm de ter paciência e respeitar o ritmo da criança, para não prejudicarem mais do que ajudar.

Na terça-feira, de manhã, ao chegar ao local de trabalho fui confrontada com a atitude pouco correta de uma mãe que gritou e refilou muito porque a filha tinha ido no dia anterior com o lábio magoado. Segundo me contaram a mãe, quando foi buscar a filha por volta das 17 horas, reparou que a filha estava a chorar e disseram que era por ver a mãe. A criança é nova da instituição. Entrou este ano letivo, vindo de casa, do aconchego da mãe. Disseram que a mãe gritou e barafustou imenso à frente da criança. O pai ainda tentou acalmar a mãe. A coordenadora é que me contou e informou para avisar a minha auxiliar que quando, nesse dia, fossem buscar a criança, gostaria de dar uma palavra à mãe. Acrescentou que aconselhou a mãe a retirar a criança caso não estivesse satisfeita com a instituição. Disse, ainda, que uma criança sem querer a tinha magoado. Ouvi a história e disse que não acreditava que a criança fosse à escola nesse dia, no entanto tomei nota do apontamento.

Conforme desconfiava, a criança não foi à escola e no final da manhã vêm-me informar que a mãe sairá mais cedo do seu trabalho para falar comigo antes de eu sair às 16h. Com receio do que pudesse acontecer, pedi à coordenadora para estar presente na dita reunião. Perto das 16 horas chega a mãe, com a criança e a tia. Peço à tia para ficar com a criança na sala de acolhimento a brincar, enquanto me reúno com a

mãe. Assim aconteceu. Inicialmente a mãe estava nervosa, mas lentamente foi-se acalmando e começou por pedir desculpa da atitude tida no dia anterior. O que ela reclama é que ficou chateada não pelo fato da filha ir magoada, mas por não o terem dito. Parecia que tinham algo a esconder. Expliquei que provavelmente tinha acabado de acontecer, por isso nada terem dito.

Após ouvir a mãe falar, tive de concordar com ela, na questão de não a terem informado, quando já se sabia, por outras situações, que para esta mãe tínhamos de informar de tudo, fosse agradável ou não.

A mãe queria exigir que não voltasse a acontecer o mesmo. Disse que em relação à filha ir magoada, era impossível dar qualquer garantia, mas em relação aos recados iria insistir que fosse dada uma explicação de tudo o que acontecesse fora do normal à criança, como magoar-se, não almoçar, vomitar...

No dia seguinte, a tia, uma vez que a mãe entra cedo ao trabalho e a tia está desempregada, conseguiram levar a criança. Para piorar a situação, a minha auxiliar, à hora do almoço gritou e refilou com a criança para ela comer a sopa, porque não o queria fazer. Ela acabou por comer a sopa, mas...vomitou e colocou-me numa situação delicada. Como contar à mãe que a filha tinha vomitado sem referir que tinha sido a auxiliar de sala a causadora?

Com tudo isto está uma situação muito complicada de gerir na sala. Mas com calma e paciência tudo se irá resolver.

Conversa entre AP e MG

MG: “ – AP, gostei muito da tua história. Fiquei muito curiosa em querer saber mais. Ficaste surpreendida porque ainda não tinhas tido conhecimento.”

AP: “ – Sim. Há pais que se souberem tudo, não levantam problemas e se

não souberem parece que temos alguma coisa a esconder.”

MG: “ – Reparei, na tua história, que existe da tua parte uma grande preocupação em acolher as crianças e não apenas as crianças, mas também os pais e, nesse sentido, pude compreender que tu já conhecias um pouco esta mãe. Sentiste da parte da mãe alguma dificuldade em adaptar-se às novas rotinas, à criança estar mais tempo ausente?”

AP: “ – Quando uma criança entra pela primeira vez, não é apenas a criança que se está a adaptar. É por isso que, na conversa que temos no momento da entrevista, eu não me limito ao guião que existe pré-definido. Porque o meu objetivo é a mãe sentir confiança com quem vai ficar. Se isso acontecer, a própria mãe vai transmitir essa confiança à filha. É natural, a mãe estava demasiado ligada à filha e a mãe sentiu a ausência da filha. Tem que se ter esse respeito.”

MG: “ – Claro! Nesse sentido e falando no respeito, gostei muito da forma como eu senti que tu tentaste resolver este mal-entendido. Ao chegares, tiveste então conhecimento por parte da coordenadora do que se tinha passado no dia anterior e eu sinto que tentaste apaziguar a situação; e quando foste informada que a mãe iria falar contigo ao final do dia, tiveste essa preocupação de falar com a coordenadora para também estar presente na reunião.”

AP- Porque uma pessoa conhece os pais. E a coordenadora achou muito estranho quando eu disse: “a criança hoje não vem à escola.” Portanto eu fiquei feliz, porque demonstrou-me a mim que eu realmente conheço os pais. (...) Só pedi à coordenadora para estar presente porque se algo não desse certo não haver a ideia de não ter sabido falar com os pais. Se nós realmente formos honestos, a mãe acalma. Porque temos de lhes dar razão, ouvi-la, escutar e não é “atacar”.

MG - Sim, o saber ouvir...tiveste esse cuidado. Houve essa preocupação da tua parte em querer reunir, em querer ouvir e houve um respeito. Ouviste o que ela tinha a dizer sobre o que aconteceu e explicaste tranquilamente o que irias fazer de aí em diante.

AP - Sim, porque se queremos que os pais confiem em nós, nós também temos que ser merecedores dessa confiança, porque a filha é a coisa mais valiosa para ela. E se nós escutarmos, acabamos por entender também a opinião do outro. Há que escutar, porque às vezes há mal-entendidos e isto foi simplesmente um mal-entendido.

MG - Claro, é importante saber escutar e neste caso ... Ela chegou ao final do dia, vê a menina a chorar e a situação deu-se porque não lhe souberam explicar o porquê de ela estar a chorar. A preocupação da mãe foi perceber o que tinha acontecido. Chega com saudades da filha e vê que ela está a chorar. Fica preocupada, não é?

AP - Os pais se vêm buscar um filho e se veem o filho feliz e contente, os pais dizem “Ele está feliz de estar aqui!” O que leva um pai a confiar na instituição? Sermos verdadeiros e ver o filho feliz de estar na escola! Isso é que leva os pais a confiarem no nosso trabalho. Se os miúdos andarem felizes, os pais também andam felizes.

MG - É isso mesmo! Por isso eu creio que o diálogo acabou por transmitir alguma calma à mãe. Sinto que tu és muito verdadeira, naquilo que tens a dizer, e naquele dia terias que dizer à mãe o que se tinha passado na hora de almoço. Transmitir essa informação, mas de maneira que a mãe não se sentisse preocupada.

AP - Foi a proximidade de ter acontecido aquilo no dia anterior e ela ter vomitado. E se queremos que uma mãe confie numa casa, também passa por confiar em todas as pessoas com que se relacionam. Já se sabe que, na fase de adaptação, se não comerem não há “stress”. Eu quero é que eles fiquem bem e nada acontece se não comerem uma refeição.

MG - Então, houve preocupação em criar uma relação de confiança com a família e com a criança. Dás-lhe tempo para ela se adaptar e dás-lhe o seu espaço, mas ao mesmo tempo vais dando também esse tempo à família.

AP - Sim, porque para a criança andar bem temos que a respeitar. Tem o seu tempo, tem o seu ritmo.

MG - É uma questão de criar laços!

AP - Se tu criares laços com a criança, consegues mais, mas o fundamental é a parte afetiva e emocional. Com essa parte afetiva, o resto faz-se tudo!

MG -Ao estimulares essa afetividade entre as crianças e entre o adulto acabas por contribuir para que os pais tenham essa confiança no trabalho dos colaboradores e da instituição. Toda a tua experiência te ajuda muito nessa segurança que tu transmites, como tu interages com a criança.

AP - É isso mesmo! Porque quando tu tens prática, já tens provas dadas de que se fizeres assim tu obténs aquilo. E já transmites uma segurança aos pais.

MG - A tua experiência permite-te compreender cada criança, a sua individualidade e trabalhar para ganhar o respeito e a confiança dela.

AP - Sim, isso é a prática que nos dá. E arranjar esse equilíbrio não é fácil, porque temos muitos fatores.

MG - Mas isso dá-te também abertura para comunicares com os pais, explicando, o que é o melhor para a criança no contexto, porque estás com ela diariamente.

AP - Os anos de experiência tornam-me sensível...

MG - Ao transmitires a verdade aos pais não queres de maneira alguma contribuir para a ansiedade deles.

AP - Vou dando as conquistas que vai fazendo! “Hoje chorou um pouco, mas já fez isto...já fez aquilo.”

MG: “ – Transmites as conquistas! Isso é bom!”

AP: “ – Sim, porque é assim que se ganha a confiança. Se os meninos estiverem bem o pai anda mais tranquilo, diminui os níveis de ansiedade e tudo corre melhor.”

MG: “ – E lá está, o pai ou a mãe a chegar também vêm mais tranquilos e acabam por receber a criança com um sorriso no rosto, talvez com os braços abertos para receber a criança, porque está feliz de ver o seu filho feliz.”

AP: “ – Pois, porque às vezes os pais deixam os filhos tristes ou vêm zangados e não dão o beijo ao filho. E eu digo: “ – *Desculpe pai, o beijo e o “até logo” são sempre para dar*”. O filho não pode ficar com a ideia, o dia todo, de que o pai está zangado.”

MG: “ – Sim, isso é muito importante porque vai interferir no dia da criança.”

AP: “ – Vai interferir e nós também temos que educar os pais nesse sentido. O chegar e o vir buscar são fundamentais. E a forma como nós recebemos e entregamos as crianças são essenciais para tudo.”

MG: “ – Olha AP, eu gostei muito da tua história porque permitiu-nos refletir muito sobre diferentes situações: a importância do acolhimento da criança e da sua adaptação....”

AP: “ – O sermos honestos....”

MG: “ – Sim. E a empatia, a relação, com as crianças e as famílias.”

AP: “ – A empatia é fundamental.”

MG: “ – E o saber ouvir.... Obrigada AP por este momento.”

Adaptação à creche

Autora da história: ER

Data do episódio: outubro de 2016

Intervenientes: 1 adulto e 1 criança

Este ano tive cinco crianças a fazer a adaptação, uma dela é o Mário com 2 anos e 2 meses, uma criança como tantas outras. Nos primeiros dias andou muito tímido e choroso mas, aos poucos, foi-se dando com os seus pares e com os adultos referência da sala. Eu e a minha colega fomos fazendo todos os possíveis para que as cinco crianças se adaptassem a toda a nossa dinâmica, rotina e interações entre pares e adultos.

Hoje a minha história é sobre o Mário e o seu pai, como se costuma dizer: “ – *Os pais dão mais trabalho que os filhos*”.

Este rapaz simpático que comunica connosco usando mais a linguagem não-verbal que a verbal é um querido, é meigo mas muito matreiro. Como é matreiro e está habituado a lidar apenas com adultos gosta muito de tirar os brinquedos, empurrar, etc. é uma criança de 2 anos com todas as características dessa idade, só que como fazia as suas marotices aos adultos eles achavam piada e ele ia saindo sempre vitorioso das situações. Agora o rapaz mete-se com os outros e leva troco, mete-se com a Carolina e leva dentada! Um dia destes a mãe trazia um recado do pai onde este manifestava desagrado pelo filho já ter levado três dentadas e que isso não podia continuar. Expliquei à mãe aquilo que dizemos nestas situações, mas precisava de falar com o pai pois ele é que me preocupava e na sala do lado havia uma situação idêntica onde as mães já nem se falavam.

Então durante a sesta enquanto revia as fotos que tinha tirado às crianças em atividade lembrei-me de enviar uma foto ao pai e falar-lhe ao coração. Procurei o seu nome no *Facebook* e pelo *Messenger* enviei-lhe uma mensagem. A minha intenção ao partilhar com o grupo esta minha história foi a de trocarmos algumas opiniões sobre esta fase “das adaptações e das mordidelas” e de como explicar aos pais que é uma

fase normal e que com o passar do tempo eles perdem o hábito, mas também que estratégias poderemos usar para que os pais novos comecem a criar empatia connosco e confiança no nosso trabalho e no nosso profissionalismo.

Conversa entre ER e AC

AC: “ – A história é muito engraçada e acho-a muito gira! Revela as tuas preocupações, na relação com os pais do Mário que tem dois anos e dois meses. Estava em adaptação à creche e, segundo dizes, ele era uma criança muito traquina!”

ER: “ – O Mário esteve sempre em casa e era a primeira vez que estava numa instituição. Quer em sua casa como na casa dos avós esta criança era o “rei”. Tinha também uma irmã já com vinte e três anos que acabava também por ser outra mãe. Chegou ali uma criança cheia de mimos e que em fase de adaptação se torna mais difícil. A situação que eu relato na minha história era da adaptação, mas a fase é a da dentada.”

AC: “ – Exatamente! Da mordidela! No geral porque é que tu achas que uma criança morde?”

ER: “ – Uma criança nesta fase não tem a noção que ao morder está a aleijar, mas sim por necessidade de coçar um bocadinho a dentuça. É a forma de se fazerem notar.”

AC: “ – Acaba quase por ser uma forma de comunicação, não é?”

ER: “ – É a forma de se expressarem, de dizer: “ – *estou aqui e olhem para mim, mesmo que me ralhem estão a dedicar-me um bocadinho de tempo*”.”

AC: “ – Eles mordem não por quererem fazer mal nem por querer agredir o outro mas, talvez, por uma forma de chamarem a atenção. Nesta idade a linguagem ainda não está suficientemente desenvolvida e acaba por ser uma forma de comunicar e de interagir.”

ER: “ – Isso ao mesmo tempo que a criança está em adaptação, que tem

tudo o que quer e ainda vai para casa mordido, começou a ser um problema. Tentámos proteger muito essa criança para ver se ninguém lhe mordia, mas ela também era marotita.”

AC: “ – É curioso é que tu estiveste muito atenta logo desde o início e já estavas, de certa forma, à espera que isto acontecesse. Uma preocupação até para te justificares perante os pais.”

ER: “ – Aquele menino vinha cheio de manias, muito mimado e começou a bater nas outras crianças, a empurrar. Coisas que ele fazia aos adultos, mas todos aceitavam!”

AC: “ – Achavam muita graça...”

ER: “ – A forma dele comunicar com os outros não estava a ser aceite e as outras crianças cansadas dos empurrões e das mordidelas, também começaram a morder no rapaz, não é?”

ER: “ – A certa altura a mãe diz que o pai não tinha gostado muito da mordidela que ele tinha levado no dia anterior e aí o dilema começou. O recado do pai acaba por ser uma opinião partilhada pela família, embora a mãe não tenha coragem para o dizer.”

AC: “ – Era isso também que eu estava também a pensar.”

ER: “ – Era um recado da família e eu fiquei assim: “ – *Agora como é que eu descalço a bota?*” Tirei uma fotografia ao menino. Fui ao Facebook, procurei o nome do pai e mandei-lhe a foto do menino a fazer a atividade na creche, concentrado a trabalhar e valorizei a parte boa da criança, pronto!

AC: “ – Foste muito sábia na procura dessa estratégia. O que eu senti foi que com essa evidência, que não tinha nada a ver com a situação da mordidela, conseguiste surpreender e cativar o pai. Desarmaste-o despoletando-lhe um sentimento de gratidão.”

ER: “ – Tentei também que o pai percebesse que na creche não eram só coisas más. Ao falar da criança com carinho ele também se apercebeu que eu já tinha estabelecido laços afetivos com a criança.”

AC: “ – Conseguiu que houvesse empatia entre ti e ele que era a parte que faltava para que ele acreditasse em ti enquanto profissional da educação.”

ER: “ – Sim, criar confiança e fazer com que eles ao deixarem o filho ficassem descansados. A estratégia resultou porque nem passado um segundo eu tive a resposta à minha fotografia, à mensagem que eu tinha enviado.”

AC: “ – E o que é que ele te respondeu?”

ER: “ – Ele disse-me: “ – *Pois, ele é muito maroto! Mas realmente o meu filho tem muitas capacidades, ele adora desenhar, ele é capaz de estar uma hora sentadinho sem chatear ninguém*”.”

AC: “ – Tu estavas a querer fortalecer a parte afetiva e ele estava mais importado com a parte cognitiva da criança.”

ER: “ – Pois, o pai deu-me essa resposta e não me falou na mordidela, nem eu! Ficámos por aí pois a mordidela era outro assunto! Sem valorizar o facto que me tinha preocupado nessa manhã consegui amenizar ali a situação.”

AC: “ – É tão fácil se estivermos atentas às situações no momento certo, não é? Não deixar que o problema se agrave, que tome outras proporções. Conseguiu através de um problema uma maior aproximação à família e desenvolver uma maior tolerância a situações menos boas.”

ER: “ – São os anos de experiência que nós temos. Os pais por vezes dizem coisas desagradáveis que nós não devemos valorizar. Passamos à frente respondendo com situações agradáveis.”

AC: “ – É isso mesmo que eu acho, ER! Com sensibilidade conseguimos arranjar estratégias quase de forma automática para conseguir lidar com as situações.”

ER: “ – Conseguir arranjar soluções serenas, de forma delicada.”

AC: “ – Continuo a dizer aquilo que sempre disse! Os pais podem estar muito zangados, podem ter atitudes negativas, serem muito mauzitos

connosco, mas nós enquanto profissionais da educação temos que ser competentes para lidar com eles e saber modelar os comportamentos. Não valorizar a situação, ler nas entrelinhas as suas preocupações, criar empatia e laços afetivos mais estreitos. Sempre numa postura construtiva.”

ER: “ – E depois é assim, aquela é a criancinha deles, eu também sou mãe e sei o que é que os meus filhos representam para mim, logo devo respeitar! Eu ponho-me sempre no lugar dos pais!”

AC: “ – Acho que a tónica tem que ser mesmo essa que é pôr-nos sempre no lugar do outro. Pensar como seria se isto acontecesse com o meu filho. A partir do momento em que eu faço este exercício é muito mais fácil pois à partida há logo uma maior tolerância.”

ER: “ – Isso aprende-se com a prática, também entra aqui a nossa sensibilidade. As adaptações eram assim uma coisa terrível em setembro. Agora é: venham setembro que já não é problema. Quando a educadora do lado diz: “ – *Olha este pai é difícil!*” É esse mesmo que me dá mais gozo!”

AC: “ – E é tão bom perceberes que, no final, conseguiste evitar problemas tendo uma relação franca. A partir do momento que tu crias esse espaço de comunicação aberta e sincera já te é permitido dizer-lhes o que pensas.”

ER: “ – Quando eu tenho que chamar a atenção para qualquer coisa, quando eu tenho que dizer aos pais que eles têm que me ajudar mais nisto ou naquilo com a criança, quando ela precisa mais de um ou outro estímulo, os pais já me deram abertura para eu o poder fazer sem ser mal-entendida.”

AC: “ – Tu já tens essa abertura e os pais também já te respeitam e acabas por ser uma confidente, uma amiga e conselheira.”

AC: “ – Voltando só um bocadinho atrás gostava aqui de falar um bocadito sobre a questão do morder, do bater, do puxar os cabelos. Sabemos que nesta idade as crianças ainda não dominam a linguagem oral. É pela boca que vão experimentando sensações conhecendo o mundo que os rodeia. Talvez possamos inferir que o morder acaba por ser a forma de

comunicar uma vez que não estão aptos a verbalizar as suas intenções.”

ER: “ – Acho que sim e também porque nesta fase são muito egocêntricos e por isso surgem frequentemente as disputas dos brinquedos e mesmo da educadora que a querem só para eles.”

ER: “ – Por vezes estas situações geram discussões entre pais.”

AC: “ – Se não houver cuidado podem-se criar situações bastante complicadas, como serem exercidas “represálias” sobre a criança que morde e desenvolver sentimentos de rejeição.”

ER: “ – Acaba por recalcar a criança e ele fica sempre o mauzito...o mau da fita! Ao sentir-se rejeitado ele ainda fica mais zangado e morde mais.”

AC: “ – Sim, isso em relação à criança, mas que também acaba por se estender aos pais da criança que morde deixando-os tristes e comprometidos com a situação.”

ER: “ – Sentem-se descontentes por sentir que o filho é rejeitado quando os outros pais dizem: “ – *Não brinques com ele...*”.”

AC: “ – A tua história revela o teu papel muito mediador no sentido de evitar conflitos.”

ER: “ – Pretendia também que valorizassem a parte da relação família/escola e escola/família.”

AC: “ – É mesmo preciso sabedoria! Seres capaz de lidar com estas situações sem fazer delas um drama. É interessante perceber que isto foi possível porque temos redes sociais. Há trinta anos atrás repara como tudo seria diferente. Talvez mais difícil falar com aquele pai. Neste caso foi um canal de comunicação privilegiado.”

ER: “ – Pois...porque o pai não ia muitas vezes à escola. Tive também o cuidado de fotografar apenas e só aquela criança. Não enviei fotos dos outros.”

AC: “ – Isto é como em tudo, se as redes sociais forem usadas com sensatez podem ser uma mais-valia. Neste caso, tu usaste-as de forma que tornou a comunicação mais fácil e rápida.”

ER: “ – Acho que conseguimos falar de tudo abordando a relação escola/

família, formas de comunicação, as mordidelas e também as vantagens das novas tecnologias.”

AC: “ – Sim! Está bom, ER! Obrigada!”

ER: “ – Obrigada, eu, AC!”

Onde está o chapéu?

Autora da história: ISD

Data do episódio: outubro de 2016

Intervenientes: 1 adulto e 1 criança

Hoje cheguei à IPSS e as crianças da sala de 1 ano estavam no espaço exterior. Atravessando a sala, cumprimentei todas as crianças e adultos e sentei-me no chão, numa posição em que pudesse ver o máximo de crianças. Entre os olhares de avaliação das diferentes crianças, uma e outra lá se foram chegando a mim, procurando algum tipo de atenção e de interação. Recordo-me que a certa altura, um dos meninos, o André, estava a olhar para mim lá longe. Estava estático e com cara séria a fitar-me. Comecei a falar com ele, acenando-lhe e abanando o meu corpo ao mesmo tempo que, em silêncio, lhe ia dizendo: “ – *Olá, como estás?*”. Fitando-me, foi abanando o seu corpo e aproximando-se...devagarinho. Parou à minha frente, olhou-me, fez cara séria e correu para longe. Sorri para ele e deixei-o ir. A certa altura vejo a Educadora a colocar o chapéu do André numa bola e o André, com uma expressão de zangado, a ir buscar o seu chapéu à bola. Não o colocou na cabeça, mas agarrou-o com força. Era seu! A Educadora, após conversar com ele, lá lhe colocou o chapéu na cabeça com o elástico pelo queixo. Ele puxou-o com força (não o queria na sua cabeça!), mas ele não saiu da sua cabeça. Ficou escondido nas suas costas, preso pelo elástico, no seu pescoço. Debateu-se arduamente para encontrar o chapéu. Puxou a sua t-shirt e descobriu a etiqueta, puxou o elástico, deu voltas sobre si mesmo, mas o chapéu não aparecia.... Deixei-o procurar durante um tempo, mas a certa altura, perguntei-lhe: “ – *Queres ajuda?*”. Ele parou, olhou para mim com um ar sério e aproximou-se sempre a fitar-me nos olhos. Fiz o chapéu surgir nas suas mãos. Ele olhou para mim e afastou-se. Mais tarde, vi-o no baloiço a apontar ao mesmo tempo que emitia alguns sons. Olhei na direção em que estava a apontar e percebi que queria a bola que já havia tido o seu chapéu. Ele olhou para mim e eu perguntei-lhe: “ – *Queres a bola?*”. Aceitou a cabeça em sinal afirmativo e eu fui buscar a bola e entreguei-lha. Com a bola nas suas mãos, ofereceu-me um sorriso.

Conversa entre ISD e AQ

AQ: “ – A história já foi escrita há quatro anos atrás, então, a primeira coisa que me ocorreu perguntar é se se consegue lembrar daquele episódio?”

ISD: “ – Lembro-me da criança em questão. Era um miúdo realmente muito observador, muito preciso do seu tempo. Lembro-me perfeitamente dele porque não foi um miúdo fácil de conquistar. Tive que o ir conquistando de uma forma diferente da que conquistas outras crianças. Ele precisou do seu espaço, ele precisou perceber quem eu era. Portanto, não me lembro especificamente daquele episódio, mas lembro-me da criança, dele lembro-me perfeitamente!”

AQ: “ – Isto é um desafio, estarmos a reviver coisas que já aconteceram há 3, 4 anos, 5 anos....”

ISD: “ – Sim, sabes o que é muito engraçado? Eu li a história e pensei, a história é atual. Ou seja, é uma história de 2016, mas podia ser de ontem. Há coisas que, mesmo situadas no tempo, são intemporais. Ao reler a narrativa também reparei na importância de estar atento a tudo aquilo que acontece sem estar demasiado centrado no verbal. Às vezes não valorizamos os pequeninos gestos, o não verbal. Outra coisa que pensei foi o que é um problema para uma criança desta idade...o André teve ali um megaproblema para resolver! Ele precisou de uma certa ginástica para tentar ver como é que havia de resolver a situação, mas persistiu, foi persistente! Lembro-me que também pensei na importância da criança sentir confiança para se sentir bem na interação. Outro aspeto que registei ao reler a história foi que o adulto que está na sala, ainda que esteja focalizado naquele grupo de crianças ou naquela criança, não se pode esquecer das outras crianças. Também não se pode esquecer do papel do corpo na relação com as crianças, a corporalidade. O corpo ocupa muito espaço. Ao pé deles, eu (adulta) sou grande!”

AQ: “ – Eu faço essas experiências com o meu sobrinho. Quando estou com ele, gosto de me sentar no chão ou no sofá. Gosto de me sentir mais ao nível dele e acho que isso pode interferir na nossa relação. Ultimamente passei mais tempo com ele e o que percebi foi que um momento com eles (às vezes dois, três minutos) permite-nos criar uma história. Eu chegava ao fim

do dia e tinha mil coisas para contar! Penso que nesta história acontece o mesmo, há uma quantidade de coisas que aconteceram naquele momento (problema para resolver, objetos e adultos envolvidos na resolução do problema ...). Há uma infinidade de coisas que nós podemos comentar acerca de um só momento, mas para isso temos que estar despertos e atentos e dar espaço e tempo para esta reflexão....”

ISD: “ – Sim, é preciso ter disponibilidade. Eu costumo dizer que não é tanto a disponibilidade de tempo, mas mais uma disponibilidade afetiva e mental. Se estivermos atentos, eles dizem tudo. À sua maneira, mas dizem tudo. É preciso saber se somos capazes de ler aquilo que eles dizem...porque para ler aquilo que eles dizem, tem que haver esta disponibilidade mental e afetiva, tens que se estar lá, no momento presente. A tua cabeça não pode estar noutro lugar.”

AQ: “ – Sim. Sinto que quando nós damos espaço à criança, quando a observamos, estamos a conhecê-la e a prevenir determinadas situações que podem vir a ser problemáticas.”

ISD: “ – E estamos a desafiá-la para coisas que podem vir a conquistar, não é só prevenir. Podemos desafiá-la com objetos da sua realidade, do seu quotidiano, com os objetos que fazem parte da sua vida e que são importantes para a criança, como um chapéu.”

AQ: “ – Neste episódio há imensa coisa a acontecer...é o baloiço, é o mexer no pescoço (mexer no próprio corpo), é a força que ele faz, são as manifestações emocionais (está zangado, depois fica contente, depois fica sério)”

ISD: “ – São segundos que têm muita informação. Apesar de aparentemente ser muito pouco tempo acontece muita coisa nesse muito pouco tempo. Em segundos há uma infinidade de situações que podem ser experienciadas. Até o ser capaz de se tocar atrás (ou não), de se virar (ou não) são formas de conhecer o próprio corpo.”

AQ: “ – Sim, ele sabe que tem as costas, que tem um lado do corpo que não consegue ver e isso são questões que muitas vezes nos escapam se não observarmos a criança.”

ISD: “ – E ver o chapéu nos outros ou ter o chapéu em si é uma perspetiva

completamente diferente. Eu posso ver que tu tens um chapéu, mas eu não sou capaz de me ver a mim com o meu chapéu o que te dá uma perspetiva diferente da utilidade do objeto e é mais uma descoberta. E às vezes esta descoberta torna-se coletiva porque aquela criança está a ter aquela experiência, mas os outros estão a observá-la. Ainda que não estejam a ter a experiência, estão a processar a informação, estão a aprender a partir do que estão a observar. E dar espaço às crianças para observar o colega também é uma dimensão profissional do educador. Para mim, que estive lá, é muito claro que o que acontece numa sala de creche é dinâmico. Ali nada é estático.”

AQ: “ – Sim, as crianças não nos deixam estar parados, nós somos obrigados a entrar na mudança constante porque temos que estar em constante atenção para o que se passa, somos obrigados a estar ali, com eles.”

ISD: “ – Ambos os intervenientes (crianças e adultos) estão sempre a adaptar-se a novas situações. Se pensarmos neste episódio, eu cheguei à sala e o André afastou-se. Portanto, tanto eu como ele, tivemos que nos adaptar a este seu posicionamento. Depois, houve aquela situação em que ele se foi aproximando...é um conjunto de adaptações constantes que nós vamos tendo que ir fazendo. E são adaptações necessárias para criar a relação. Às vezes temos a ideia que tem que ser o adulto a adaptar-se, mas estamos a falar numa relação e uma relação é como uma dança dançada em conjunto. É uma dança que vai sendo ajustada aos intervenientes. A resposta que ele dá faz com que eu aja de determinada maneira, a resposta que eu dou, faz com que ele aja de determinada maneira, faz com que se manifeste mais ou menos emocionalmente. Esta dança pode-se tornar cansativa, mas não deixa de ser fascinante, desafiante. E este momento de parar para refletir sobre o que acontece na relação é muito importante porque é um momento de pensar sobre o que aconteceu, porque é que aconteceu e o que se poderia fazer de maneira diferente.”

AQ: “ – Parar também é uma oportunidade para nós percebermos o que estamos a fazer menos bem e o que estamos a fazer bem. A paragem é essencial para conseguirmos avançar. Não é estar sempre em correria que significa avançar. Parar é importante, o carro também tem de parar para pôr gasolina e nós temos que fazer o mesmo, mas nem sempre o fazemos.”

ISD: “ – E parar para perceberes como é que te sentiste (como é que me sen-

ti na situação? porque me terei sentido assim?). Nós paramos muito pouco para pensar nisso.”

AQ: “ – E as crianças sentem muito, são muito sensíveis a esse aspeto. Se nós estamos zangados ou calmos, eles reagem ao nosso estar de forma diversa (choram, ficam zangadas, riem...). Se estamos mais agitados, eles ficam mais agitados e isso é muito interessante de nós percebermos.”

ISD: “ – Eu acho que nós somos mais transparentes do que aquilo que imaginamos. Eles percebem-nos, eles sentem-nos. Podem não saber verbalizar, podem não saber explicar, mas sentem e depois acabam por agir em consonância. Também é importante lembrar que as crianças reagem todas de maneiras diferentes. Cada criança vai-se manifestando de maneiras diferentes em função daquilo que é a sua história, da sua personalidade, em função do que viveram naquele dia. Se pensarmos bem, isto é o que acontece na creche, mas isto é o que acontece na vida em comunidade.”

AQ: “ – Nós também estamos em desenvolvimento, tal como as crianças. Se pensar nos dias que passei com o meu sobrinho consigo perceber que a nossa relação mudou porque o meu papel mudou nestes dias. Nesta mudança, houve desenvolvimento de parte a parte. Houve um dia em que ele fez uma birra enorme, chorou muito, mas percebi que, de repente, ele ficou sem a mãe e sem a avó durante o dia para ficar o dia inteiro com outra pessoa que não era uma das cuidadoras habituais.”

ISD: “ – É importante que o adulto respeite o tempo/espço, a individualidade de cada criança. O André precisou daquele tempo/espço para ele próprio se situar na relação comigo, enquanto outras crianças não precisaram. Se olharmos para esta situação numa perspetiva de aprendizagem, podemos dizer que o André aprendeu a observar, a esperar, a mexer...e que o adulto também aprendeu a observar, a esperar.... É interessante perceber que o processo é sempre em relação, é sempre com o outro, é sempre dinâmico. E este outro pode ser uma criança, um adolescente, um adulto, um idoso. Muitas vezes pensa-se que não se aprende nada com os mais pequeninos, mas a criança tem os seus saberes e tem os seus direitos/deveres, é um cidadão como outro qualquer. Neste episódio, o André manifestou-se daquela maneira porque é cidadão com direito à sua expressão.”

A ansiedade de uma mãe em mudar o filho de escola

Autora da história: CB

Data do episódio: outubro de 2017

Intervenientes: 2 adultos e 1 criança

A decisão de colocar o Tomás num jardim público foi muito difícil de tomar, dado que ele ainda dorme a sesta e é muito lento a comer. Esta dúvida suscitava-me 2 questões: onde é que haveria espaço para ele dormir a sesta? Será que alguém o ajudaria a comer com a mesma calma que o caracteriza?

Decidimos mudar uma vez que este ano vou ficar em casa e tenho a possibilidade de o colocar a dormir a sesta. Só me resta a ansiedade da hora da refeição.

Tenho sempre a sensação de que a escola pública é mais impessoal. No primeiro dia que fui buscar o Tomás, a Estrela (a auxiliar de ação direta), diz-me que o Tomás não comeu a sopa mas como era o 1.º dia, ninguém quis insistir. Eu compreendi, mas disse-lhe que se há coisa que o Tomás come bem é a sopa e a fruta. Que a minha estratégia em casa é: “ – *Se não comes a sopa, não comes mais nada.*” Depois da sopa, se não come o 2.º prato não come a fruta. Mas no 2.º prato pode comer o que quiser e quanto quiser, a sopa é que não é negociável.

Fui para casa muito tranquila e feliz por saber de tanto afeto existente naquela escola de aldeia, que tanto queria para o meu filho.

No dia seguinte a Estrela vem toda feliz dizer-me: “ – *Olhe, utilizamos a sua estratégia e resultou muito bem, ele comeu a sopa toda. O segundo foi mais seletivo e de fruta comeu muitas ameixas.*”

Como mãe fiquei de coração cheio porque fui escutada e porque usaram estratégias positivas para incentivar o meu filho a comer, e isto tudo vindo de auxiliares!

Conversa entre JS e CB

JS: “ – Ao ler a história penso que esta ansiedade é partilhada pela maioria das mães, pois quando estive numa sala de pré-escolar a maior parte das encarregadas de educação questionavam se deveriam colocar os filhos no pré-escolar público ou continuar no privado. Algumas dúvidas eram estas que estão na história, a alimentação e a sesta.”

CB: “ – Tudo isto tem uma história anterior.... O Tomás estava numa IPSS e a única coisa que eu pedi foi para não darem açúcares, ele estava em contexto de creche. Penso que é expectável que uma creche não dê açúcares às crianças; no entanto, a educadora todos os dias de manhã dava doces na roda do acolhimento. Os meninos traziam rebuçados, bolachas, chocolates e se não trouxessem a educadora tinha sempre na sala e dava a todas as crianças. Só vim a saber mais tarde quando o Tomás começou a falar. No lanche também havia pão com chocolate e leite achocolatado. Senti-me muito triste porque eu só queria que não dessem doces ao meu filho. E depois havia sempre a resposta: “ – *Coitadinho, ele é o único que fica a olhar para os amigos*”. Eu não me importo, não quero. Foi uma angústia muito grande! Refleti enquanto educadora: “ – *Será que eu, durante estes anos todos enquanto educadora, tenho respeitado as ansiedades das mães?*” Espero que sim. Nós, muitas vezes, enquanto educadoras, desvalorizamos, mas as mães têm o direito de não querer coisas para o filho. Não quero saber se concordam ou não, mas por exemplo, as mães vegetarianas também temos que as respeitar, e eu não senti isso enquanto mãe: o respeito. A ansiedade que eu tinha anterior era esta, ia mudar o Tomás de escola e estava com receio que não respeitassem o ritmo dele comer, já nem pondo a questão dos açúcares porque nesta transição já tinha 3 anos, apesar de continuar a não concordar....

JS: “ – Por vezes pensamos que numa IPSS ou num privado se preocupam mais com as opções dos encarregados de educação do que numa instituição pública, pois estão mais predispostos a aceitar os pedidos dos diferentes pais.”

CB: “ – Eu vim a descobrir um mundo novo! Mas há a questão do que eu quero para os meus filhos, uma escola de aldeia. Aqui onde vivo temos

um centro escolar e depois as escolinhas da aldeia, e eu queria que eles fossem para esta escola da aldeia. Entre jardim-de-infância e 1.º Ciclo nunca têm mais que 50 crianças, é uma escola pequenina onde só tem uma sala de pré-escolar e depois tem os mesmos recursos humanos que um centro escolar. Esta escola tem muita rua! Mas quem faz a escola são as pessoas certo? Ele já estava na escola que eu queria, agora faltava saber se as pessoas nos respeitavam. Nós vamos buscar as nossas ansiedades, enquanto mães, à nossa infância, à nossa história.”

JS: “ – E a sesta como foi? Ele realiza a sesta neste jardim-de-infância?”

CB: “ – Não. O que aconteceu é que havia uma cama na área da casinha, onde cabiam três crianças deitadas. Assim, caso ele adormecesse, elas deitavam-no lá. Durante os primeiros tempos ele adormecia na sala, ou adormecia a comer. Ao fim de um mês ou dois ele deixou de dormir a sesta na escola, mas o que acontecia é que na viagem de carro para casa, ele adormecia e não jantava. A necessidade dele era dormir, não tinha fome. Esta situação ainda aconteceu durante um ano.”

JS: “ – E também em relação aos pais que por vezes pedem para as crianças não dormirem a sesta na sala do pré-escolar e nós ainda sabemos que eles têm essa necessidade....”

CB: “ – Estou a viver essa situação na minha sala, neste momento. Tenho uma criança que já não dorme a sesta há muito tempo em casa e com a pandemia deixou mesmo de dormir. Agora quando regressámos do confinamento a criança chorava porque não queria ir à escola e o motivo era o não querer dormir a sesta. Toda esta situação já estava a ser uma enorme angústia para a família, então decidimos que ele não iria dormir a sesta.”

JS: “ – A questão é que essa criança não realiza a sesta, mas depois as outras crianças acabam também por não querer dormir.”

CB: “ – Para mim não faz mal as outras crianças verem e não quererem dormir... se nós conversarmos com as crianças e explicarmos que a criança já andava muito triste, a chorar, a não querer vir para a escola porque não queria dormir, eles compreendem. Neste caso eu dei a oportunidade às outras crianças (famílias) também para não

dormirem, mas é claro que eu frisei a importância desta rotina.”

JS: “ – Na nossa instituição a sala do pré-escolar é heterogênea, dos 3 aos 5 anos, contudo temos sempre mais crianças de 3 anos. O que acontece é que as crianças mais novas realizam a sesta e os mais velhos, muitas vezes, ajudam os adultos a adormecer os mais novos, ficam ao lado deles a dar maminhos. As crianças mais velhas sentem-se muito valorizadas.”

CB: “ – É muito bom ter grupos heterogêneos. A instituição onde estou encontra-se em formação do Movimento da Escola Moderna e um dos objetivos é a questão dos grupos heterogêneos. Para os pais é uma grande mudança porque têm o pensamento de que as crianças mais velhas vão regredir ao estarem com crianças mais novas. É tão vantajoso! As crianças ganham mais empatia, responsabilidade e afeto.”

JS: “ – Achei muito interessante a última parte da história *“Como mãe fiquei de coração cheio porque fui escutada e porque usaram estratégias positivas para incentivar o meu filho a comer, e isto tudo vindo de auxiliares!”*.”

CB: “ – Sabes que na rede pública, muitas vezes, na hora do almoço não está presente nenhuma educadora e, por vezes, a postura das auxiliares é diferente. Eu sou educadora há 15 ou 16 anos e o sítio onde vejo as coisas mais horríveis é no refeitório, desde obrigar a criança a comer à força, humilhar a criança e colocá-las na mesa dos bebés, comer tudo rapidamente, não fazer barulho, não decidir o que quer comer...quando a refeição deveria ser tranquila. Tudo isto era uma grande ansiedade para mim, visto que já tinha lidado com muitas realidades. Então, foi muito bom ouvir estas palavras, vindas de uma auxiliar.”

JS: “ – Devemos respeitar, caso contrário a criança vai ficando cada vez mais traumatizada com este momento da rotina.”

CB: “ – Nós sabemos o que cada criança gosta de comer! E se um dia ela experimenta algum alimento que menos aprecia, devemos elogiar.”

JS: “ – Numa sala em que estive, dos 2/3 anos, as crianças rejeitavam muito os legumes, então decidimos realizar um projeto sobre a alimentação saudável. Conseguimos implementar na alimentação das crianças mais frutas, legumes e elas sentiam-se muito orgulhosas quando experimentavam os diferentes alimentos. Mais tarde, tive a oportunidade de seguir com o grupo para a sala do pré-escolar e foi magnífico presenciar as diferentes conquistas.”

CB: “ – Tinha uma criança que não comia, então dava-lhe a comida tranquilamente, sentava-me com ela, conversava...e hoje em dia já come tudo e sozinha. Todos os dias motivava-a e com um discurso muito otimista. Atualmente é muito feliz a comer! (...) ”

Uma nova conquista!

Autora da história: CS

Data do episódio: outubro de 2017

Intervenientes: 1 adulto e 1 criança

São 8h da manhã e o Rodrigo é a segunda criança a chegar à creche. A sala onde é feito o acolhimento das crianças tem três mesas e algumas cadeiras empilhadas. O Rodrigo ficou lá comigo e a olhar para mim, eu estava a arrumar a mochila dele.

“ – *Vamos brincar com a bola?* ” – Disse-lhe eu. Esticou a mão na minha direção e lá fomos os dois brincar com a bola. Ele atirava a bola para mim e eu fazia-a rebolar pelo chão na sua direção.

A dado momento a bola foi para baixo de uma das mesas. Ele foi ao pé da mesa e ficou ali parado a olhar para a bola. Olhou para mim e esticou-me a mão. “ – *Vai buscar a bola....* ” – Disse-lhe eu a sorrir. Olhou para a bola e voltou a olhar para mim e a esticar a mão. Fui ter com ele, ajudei-o a baixar-se e acompanhei-o até chegar à bola e a sair de baixo da mesa com ela. Que grande sorriso que vi nele. Atirou a bola e a brincadeira continuou...

Lá foi, de novo, a bola para baixo da mesa. A história repetiu-se. Voltámos a brincar os dois e, mais uma vez a bola fugiu para baixo da mesa, mas a história não se repetiu.... “ – *Queres ajuda para ir buscar a bola?* ” – Disse-lhe eu. O Rodrigo corajoso baixou-se e partiu para a aventura. Foi sozinho buscar a bola! Agarrou na bola e veio ter comigo com um sorriso de orelha a orelha.

Conversa entre CS e AP

AP: “ – Nesta história, a criança ficou a observar o que estavas a fazer, o que é natural pela idade que tem, dezasseis meses. A criança ficou a olhar para ti.... ”

CS: “ – A sensação que eu tive é que, na altura, nem sempre era eu a ir às 8h. Ou seja, com quem ele estava de manhã ia sempre buscar a bola, não sei, ou então...”

AP: “ – Ou ele não estava habituado, ou então estava a ver como é que ias reagir, porque cada educadora tem a sua rotina! Embora ele fosse pequenino, ele não sabia como é que ias reagir. Por isso ficou a olhar, como quem diz: “ – *Aqui posso ir brincar? Não posso ir brincar?*” Esta criança chegou e pensou assim: “ – *Como é que esta vai reagir? Deixa-me cá observar*”. Ele nem sequer foi buscar a bola, ou seja, esperou mesmo que tu o fizesses. Porque, por exemplo podias não ir buscar a bola, mas sim outra coisa, e é engraçado, porque ele ficou sempre à tua espera para ver o que tu ias fazer.... Lá foste buscar a bola e ele aceitou. Às vezes quando as bolas iam para baixo das mesas havia quem não os deixasse ir buscar as bolas e diziam: “ – *Olha perdeste, azar! Paciência!*” E a criança pode não ter ido por dois motivos: ou por ter medo ou porque não sabia a tua reação. Porque a pessoa acha que é evidente deixar ir buscar, mas eu pela experiência que tenho, muitas vezes a criança perde alguma coisa e o adulto não a deixa ir buscar.”

CS: “ – Eu aqui diria que a criança talvez tivesse medo.”

AP: “ – Só se deduz que é medo quando ele vê que a bola vai outra vez para baixo da mesa e não a vai buscar. Ele também teve que andar debaixo das mesas, não foi?”

CS: “ – Sim, tinha. As mesas na altura faziam canto. As mesas estavam de um lado da parede e as cadeiras no canto, logo ao lado e a bola andava ali debaixo das mesas, ao fundo, perto da parede. Parecendo que não, ainda é alguma distância do lado de cá da mesa até à parede, não é?”

AP: “ – Aqui sendo um canto é mais complicado, eles podem ficar a pensar: “ – *Será que eu vou conseguir sair, será que não...*”. Foi engraçado, porque tu depois foste buscar e voltaste a brincar com ele. E a segunda criança não quis ir brincar?”

CS: “ – Sim, mas essa criança era do berçário em cima.”

AP: “ – Ah, então ele era mesmo o único ali na sala.”

CS: “ – Sim, naquela sala era o único.”

AP: “ – Quando chegou outra criança à sala ele permitiu que tu partilhasses a brincadeira com outro ou não?”

CS: “ – Aí já não me recordo, mas acho que sim. Ele era uma criança que fazia algumas birras, mas se eu brincasse com ele e com o outro ele interagia, se eu comesse a brincar só com o outro, aí ele começava a tentar chamar a atenção para eu também brincar com ele. Ou seja, ele permitia brincar sempre com alguém, mas o adulto tinha de brincar com ele também.”

AP: “ – Mas isso é bom! Porque há crianças que não querem que o adulto brinque com mais ninguém a não ser com elas e eu digo “A AP está a brincar contigo, mas também pode brincar com outro, brincamos a três” e há crianças que não reagem bem a isso e são de jardim-de-infância! O rapaz soube partilhar....”

CS: “ – Sim, sim, ele permitia.”

AP: “ – Nesta história o que prevalece é a interação.”

CS: “ – Sim, que é também o que prevalece em creche.”

AP: “ – A educadora foi sensível com a criança, pois tu podias tê-la deixado sozinha e ela que tomasse a iniciativa para ir fazer qualquer coisa. Tu viste que a criança chegou e se lhe falaste na bola é porque se calhar sabias que era do interesse dele, senão ias escolher um carro: “ – *Vamos brincar com um carro?; Vamos brincar ao esconde, esconde?*” ...sei lá. Foste ao encontro de um interesse da criança e ainda interagiste, porque podias ter apenas dado a bola e ele brincava sozinho.... Aqui o que eu vejo foi a interação entre o educador e a criança.

CS: “ – A própria criança também esticou a mão, como quem diz: “ – *Vem comigo*”, não é?

AP: “ – Mas tu é que tomaste a iniciativa...”

CS: “ – Porque lhe disse: “ – *Vamos brincar com a bola*”, sim.”

AP: “ – Na parte final ele ficou agradecido.”

CS: “ – Ele tomou a iniciativa de ir....”

AP: “ – Pois, já viu que não havia perigo e foi corajoso quando foi buscar e foi giro, porque o próprio título que deste à história foi “Uma nova conquista!”. O que quer dizer que tu valorizaste o pequeno gesto dele. Foste sensível ao ponto de interpretares o sorriso dele, que ele olhou para ti como quem diz: “ – *Posso? Não posso?*” Ou seja, deste o incentivo e valorizaste o ele ter ido.”

CS: “ – Sim, lá está, quando ele agarrou na bola veio ter comigo com um sorriso de orelha a orelha, por isso é que acabei por dizer a nova conquista da criança.”

AP: “ – Eu acho que o essencial é sermos, nós educadoras, sensíveis a essas conquistas, que para eles são grandes. Nesta idade são conquistas muito grandes e são muitas! E é importante que sejam valorizadas. Como foi o final do dia? Disseste à mãe ou não és tu que entregas?”

CS: “ – A criança não era minha. Era da sala de um ano. Na altura eu estava com as crianças do berçário, mas como entrava às 8h recebia as crianças da sala do berçário onde estava e da sala de 1 ano.”

AP: “ – E contaste essa conquista à educadora?”

CS: “ – Sim, sim....”

AP: “ – E ela valorizou ou não?”

CS: “ – Pois, eu não me recordo.... Aquilo que observava é que era uma criança, que dadas as birras, as conquistas acabavam por passar um bocado despercebidas, ou seja, valorizava-se mais a questão das birras, porque eram tantas, não é? Que eu acho é que o fazemos de forma involuntária, quando temos uma criança que faça muitas birras ao longo do dia, nós acabamos por valorizar aquilo que é mais negativo e não tanto as conquistas.”

AP: “ – O que acaba por ser um inconveniente...porque uma pessoa só progride se for pelo positivo, mas é bom irmos fazendo estas reflexões. Esta é uma das vantagens do Grupo Projeto Creche, é que

vamos refletindo... Aquele momento em que estiveste com a criança foi importante para ela, porque valorizaste a conquista e interagiste com ele.”

CS: “ – Sim, eu podia ir simplesmente buscar a bola e sentar-me no chão a observá-lo e continuar a mandar a bola.”

AP: “ – Ou seja, envolveste-te com ele. Ele a dado momento olhou para ti e estendeu-te a mão, ele disse-te naquele momento que queria a tua ajuda, houve comunicação não verbal e tu captaste essa comunicação. E ele no fim deu-te uma ótima prenda que foi sorrir.”

Visita ao berçário

Autora da história: DC

Data do episódio: outubro de 2018

Intervenientes: 1 adulto e 1 criança

É outubro, estou grávida, de baixa, mas as saudades são tantas que não resisto em ir à instituição ver as crianças quase todas as semanas.

Esta minha visita foi particularmente engraçada ou marcante.

Depois de ver os “meus pequenos” fui ver outras colegas às suas salas e entrei no berçário A. Estavam ainda a brincar no tapete depois de terem almoçado, entrei, sentei-me no tapete a conversar com a minha colega Rute, mas brincando e interagindo com os pequenos.

Um dos bebés estava sentado apoiado por almofadas e ia-se rindo para mim enquanto eu conversava, fui-me metendo com ele, sorria-lhe e ia-o sentando mais direito à medida que ele se mexia com tanta risota e gargalhada para mim e se deixava deslizar pelas almofadas. Achei curioso tanta gargalhada, estava muito contente por eu estar ali tão perto dele e a minha colega até comentou que ele não costumava ser tão simpático para pessoas que não conhece.

Como o desconforto das minhas costas já era algum, ia-me ajeitando e encontrando uma melhor posição para estar sentada e sempre que isto acontecia o bebé dava mais uma gargalhada.

Depois de algum tempo despedi-me da minha colega, dos bebés e coloquei-me de joelhos para me levantar, o bebé chorou, peguei-o e de imediato ele dá mais uma gargalhada e procura o meu peito e tenta mamar. Esta criança ainda é amamentada pela sua mãe e eu estou prestes a amamentar, já tenho leite, já devo cheirar a leite.

Como é delicioso (um pouco até assustador) o ser humano.

Conversa entre DC e ER

ER: “ – DC, diz-me o nome da tua história.”

DC: “ – Oh, não tem nome. Queres que veja se tem nome? Olha, é: *Visita ao berçário.*”

ER: “ – E foste fazer a visita à hora da sesta do almoço?”

DC: “ – Fui à hora do almoço, por volta do meio-dia.”

ER: “ – Então foi num dia que te deu as saudades da tua instituição e resolveste ir lá visitar os teus meninos. A experiência mexeu contigo porque tu também estavas preste a ser mãe, não é?”

DC: “ – Sim, sim, fui visitar os bebés ao berçário e isso mexeu muito comigo pois estava naquela fase em que estive grávida.”

ER: “ – Fala lá um bocadinho sobre a tua história...”

DC: “ – Eu estava grávida e, por isso, estava muito mais sensível e muito mais desperta para os bebés do berçário. Gostava de perceber o desenvolvimento deles e as suas reações. Comovi-me um bocadinho com o que aconteceu com o bebé devido ao meu estado de graça, não é?”

ER: “ – Então isso leva-nos a dizer que há competências que são desenvolvidas, saberes que se aprendem mesmo antes de determinada fase estar pronta, mas isso que tu descreves tem a ver com instinto, é o instinto...”

DC: “ – Sim, sim! É natural! Isso já nos acompanha desde a nascença. Tem a ver com sobrevivência, não é?”

ER: “ – Sim, sim. No caso, era um bebé que era amamentado e estava desperto para aquele cheiro. Isso será a forma como nos defendemos para a sobrevivência, é o instinto de sobrevivência, não é?”

DC: “ – Pois...acho que é, sim! Acho que é isso.”

ER: “ – Era uma menina ou um menino?”

DC: “ – Acho que era um menino, já não me lembro muito bem, mas acho que era um menino.”

ER: “ – Um menino que, usando os sentidos, percebeu que estava ali uma possível mamã.”

DC: “ – Sim! E, ao mesmo tempo, estava a criar empatia com pessoas que ele não conhecia. Foi uma forma dele me chamar a atenção e meter-se na nossa conversa de adultos.... Aquelas gargalhadas que ele foi dando e os sorrisos que mostrava iam expressando muita coisa.”

ER: “ – E também para te cativar. Olha que primeiro ele também te namorou, para te cativar para que o alimentasses.”

DC: “ – Sim, sim e para que eu lhe pegasse. Também foi uma forma de eu estar mais próxima e de eu lhe pegar, depois de lhe pegar é que ele procurou o peito. Lembro-me de ele ser bastante pequenino, devia ter uns 5 meses no máximo. Estava há pouco tempo no berçário.”

ER - Tu dizes aqui: “ – É outubro, estou grávida, de baixa”.”

DC: “ – Sim, é isso. Ele estava há pouquinho tempo lá. Deveria ter 5 meses no máximo! Eu não conhecia a sua forma de reagir. Segundo a auxiliar que estava com ele, ele era muito estranho a pessoas externas à sala. Habitualmente ele não reagia ou reagia mal. Chorava sempre muito. E nesse dia....”

ER: “ – Pois...”

DC: “ – Nesse dia simpatizou comigo e ela até comentou: “ – *Fogo! Ele não costuma reagir assim com ninguém!*” E depois de eu o ter pegado ao colo ele procura o peito! Ficámos as duas tipo: “ – *AAH! Que reação tão inata! Tãooo.... Tão genuína, tão inesperada e primária....* Tão de forma a sobreviver...”.”

ER: “ – Sim, sim! Então isso marcou-te: a forma como a criança mostrou o pedido de atenção....”

DC: “ – É que a história é um bocado clara de mais....”

ER: “ – Sim, mas é uma história muito interessante. Eu acho que há aqui um tema que sobressai que é mesmo isso: os instintos. Com os animais, acontece que há alguns que são ferozes para adultos e que não fazem

mal às criancinhas.”

DC: “ – Sim, sim! Eu, na história, valorizei o facto da criança se meter comigo, depois começar a gargalhar, depois eu desviava a atenção para continuar a conversar com a colega e ele voltava a gargalhar, não conseguia ainda sentar-se, mas ia-se mexendo para que eu o fosse compondo. Tentou comunicar comigo com movimentos, gestos, sons, ainda sem saber a linguagem verbal.”

ER: “ – E a tua preocupação enquanto futura mãe ires à primeira sala do berçário por ser a sala para onde o teu filhote iria....”

DC: “ – Sim.”

ER: “ – E era essa a auxiliar que iria ficar com o teu bebé?”

DC: “ – Não, não. Sabes, a minha filha só iria no ano letivo seguinte e eu iria ser mãe de uma bebé daquela faixa etária, daí o meu interesse.”

ER: “ – O teu interesse em saber, por um lado, o que poderias levar para lá, o que seria necessário mas, por outro, nós que somos educadoras sabemos que pode fazer bem às crianças irem para uma creche mas, no fundo, sabemos que o ótimo seria ficar em casa com elas, não é?”

DC: “ – Podes crer, podes crer! Eu disse para mim: “ – *Preciso de ir lá ver*”.”

ER: “ – Tu foste lá um bocadinho, para te mentalizares de que a irias deixar lá....”

DC: “ – Sim, saber um bocadinho do que me esperava...uma coisa é sermos educadoras, sabermos com o que contamos com cada faixa etária, outra é estar quase a ter um bebé que iremos deixar na creche! Então, parece que há um apagão! “ – *E agora? Não sei nada disto!*” No início propus-me a ler tudo de novo sobre as fases do desenvolvimento infantil. Depois houve uma altura em que eu pensei: “ – *Não! Não vais ser educadora, tu vais ser mãe, deixa as coisas fluírem naturalmente.*” Acho que fiz bem. Não andei a dramatizar com nada e acabei por estimular nas alturas certas, mais um bocadinho, mais um bocadinho...e ela tem correspondido sempre muito bem. Acho que é um bocado por aí. Enquanto educadoras termos consciência das coisas e ir fazendo tudo direitinho.”

ER: “ – Sim, sim. Se não pensarmos tanto nas competências, no porquê de estar a fazer isto e aquilo e assim usarmos o que sabemos, fica tudo mais intuitivo, mais natural....”

A poça de água³

Autora da história: SC

Data do episódio: dezembro de 2018

Intervenientes: 2 adultos e 1 criança

Estávamos na manhã do dia 05 de novembro de 2018. Um início de segunda-feira muito cinzenta e já precedida por uma madrugada intensamente chuvosa. Às nove horas da manhã os termómetros apontavam 9.º Celsius e as nuvens escuras faziam antever, aos nossos olhares, uma manhã com chuva. Por volta das 9h30 a equipa pedagógica estava já pronta para receber as crianças e as suas famílias.

O encontro começou com os presentes e a história aqui relatada tem como protagonista o Afonso, um menino de 2 anos. A sua mãe e eu fomos as testemunhas desta sua vivência, o restante grupo encontrava-se mais à frente do percurso, noutras vivências e noutros processos de aprendizagem.

O Afonso tinha acabado de tropeçar e cair no piso irregular (que para os seus dois anos de idade e com a roupa impermeável se torna um verdadeiro desafio!). Caiu junto a uma poça de água e, inclusive, as suas mãos ficaram mergulhadas naquela água castanha. Umas sonorizações suaves anteviam o choro, mas o silêncio acabou por permanecer, quase como se o Afonso estivesse a tentar perceber o que estava ali de facto a acontecer. As mãos mergulhadas na água, os joelhos em solo firme e duro. Novas texturas, temperaturas diferentes, cores e cheiros diversos - talvez outra perspetiva de perceber aquele mesmo lugar!

Pouco a pouco foi erguendo o seu tronco, ficou de joelhos a olhar para a poça de água. De vez em quando lançava um olhar aos adultos que estavam atrás dele a observá-lo e parecia que iria chorar, mas afinal não. Descobriu pedras junto à poça de água e começou a atirar uma a uma para

3 Esta história decorreu no âmbito do projeto “Encontros com a 1.ª Infância”, desenvolvido pela Associação Casa d'Árvore – ABCNatur (Marinha Grande) - <http://www.casadarvore.abcnatur.pt/>

a água, ao mesmo tempo que vocalizava algo (estaria a imitar as crianças mais velhas que há pouco brincavam desse jeito?). Foi nesse instante que começou a chover. Na poça de água os pingos da chuva caíam, imensos círculos concêntricos mudaram a paisagem daquela poça castanha e os sons de água a cair do céu apareceram. O Afonso estava absorto a olhar para todo esse novo cenário que, pela terceira vez, parecia ser outra coisa diferente, não estava assim antes! A voz em sussurro de um adulto contextualizou o cenário: “ – *Está a chover!*” E o Afonso devolve uma vocalização e um olhar. Volta a olhar para aquela poça e, instantes depois, decide retirar da sua cabeça o carapuço do casaco (que supostamente o protegia). Deixou-se ficar, a sentir cada gota de água fria a tocar-lhe na cabeça e no rosto, a escorrer pelo seu pescoço e encontrando caminhos no seu corpo para prosseguir. Deixou-se ficar parado, a processar aquelas novas sensações. Os dedos da sua mão esquerda procuravam, de vez em quando, algumas gotas que lhe tinham tocado na cabeça. Vocalizava! Como seriam agora os sons da chuva sem o carapuço? Como seria agora o sentir aquela temperatura da água? Como seria agora sentir o toque de gotas de água a cair em zonas distintas da cabeça e em tempos diferentes? ... A chuva começou a intensificar e os adultos decidiram interromper o momento colocando-lhe o carapuço e ajudando-o a levantar-se daquele lugar. Contudo, erguido já no ar pelas mãos da mãe, as pernas do Afonso mantiveram-se na mesma posição com que estava junto à poça. O seu corpo manteve-se pesado e não colaborante para ir ao colo e isto revelou-me o quanto aquele momento poderia estar-lhe a ser intenso, belo e importante. Não chorou, mas os sinais visíveis da sua resistência em sair daquele lugar continuaram evidentes durante uns bons segundos.

Conversa entre SC e CO

CO: “ – Quando eu estava a ler a história estava a ver – tu já foste refletindo! Era o que eu notava, pois quando tu estavas a escrever já estavas a dizer as sensações que ele estava a sentir, não é? Já foste refletindo um bocadinho o que é que o Afonso estava a sentir na altura.”

SC: “ – Percebi que foi uma história muito significativa para mim, foi um episódio tão, tão, surpreendente para mim, gerou-me tanto espanto,

que eu acho que se calhar já senti, na escrita, essa necessidade de olhar para esse espanto que eu própria tive naquela circunstância.”

CO: “ – Eu estou-te a dizer isto porque nós próprios, nas diferentes situações, seja com as crianças, ou com as minhas filhas, eu dou por mim a pensar assim: “ – *Mas o que vai naquela cabeça? O que é que ela está a pensar? Aquele olhar, não é? Aquela expressão... O que é que, o que é que ela está a pensar?*” Adorava poder aceder lá dentro, à cabecinha delas, para ver o que é que elas estão a pensar. E tu fizeste um bocadinho este trabalho quando descreveste a situação.”

SC: “ – Levantar várias hipóteses...é um mistério completo a criança, não é? É um mundo misterioso que, apesar de nós já andarmos há muito tempo nestas reflexões parece que cada vez sabemos menos!”

CO: “ – Queremos sempre saber mais! Por exemplo, houve uma altura em que eu até escrevi: “ – *As expectativas e as previsões do adulto*”. Quando nós planeamos uma atividade, nós fazemos uma previsão do que é que poderá acontecer, também para podermos pensar em estratégias para contornar possíveis situações ou ajudar as crianças. Pensamos sempre numa possível resposta das crianças e que a maior parte das vezes sai furada, não é? (risos) Mas pensamos sempre, para haver na prática uma forma mais espontânea de as ajudar...e aqui foi um bocadinho isso, não é? Ele caiu e vocês: “ – *Ele vai chorar!*”. Vocês previram que ele ia chorar...a forma como vocês atuaram foi muito engraçada, porque apesar de estarem a prever que ele ia chorar vocês não tentaram logo ir lá acalmá-lo, isso “matava” ali, completamente, aquela experiência, não é? Esperaram, calmamente, à espera de uma resposta; e isso de pensar em estratégias para ajudar a resolver um possível problema ou tentar evitar que esse problema aconteça são situações diferentes, na minha opinião! Então, qual é o papel do adulto? Foi muito engraçado como vocês conseguiram pensar: “*ele vai chorar!*” Mas conseguiram se manter ali firmes e ver o que acontece: “ – *Deixa ver!*” E o facto de vocês não terem agido logo fez com que tivesse uma situação nova e que foi tão rica! E se vocês não soubessem esperar, e se tentassem proteger, tinham terminado ali aquela experiência tão rica! De facto, nós adultos criamos expectativas, previsões do que é que vai acontecer...e isso acho que é importante fazer, é mesmo im-

portante, mas aqui a questão é mesmo a atitude do adulto, o papel do adulto em relação a essas expectativas e essas previsões!”

SC: “ – A nossa convicção enquanto adultos era: “ – *Ok, vai chorar! Vai haver choro!*”. A nossa principal hipótese era essa, mas de facto não houve. E, se calhar, [n]o nosso papel enquanto educadores é importante fazer o exercício da previsão, de colocar várias possibilidades do que é que pode acontecer, mas, se calhar, também, e isto é um treino, permitirmos que haja uma hipótese que não pensamos, e dar espaço para ver que é que acontece, não é? Nós, se calhar, temos que estar mais disponíveis e perceber: “ – *Será que a minha hipótese é a hipótese certa? É isso que vai acontecer?*” E dando este tempo, dando este espaço, a criança pode-nos confirmar as nossas possibilidades, as nossas hipóteses, ou não...e podem surgir outras! E eu acho que este episódio também traz muito isso, que é: a importância do silêncio do adulto. Silenciarmo-nos mais! Não estarmos já a partir do pressuposto que sabemos, e que podemos agir e que devemos agir. Assumir que isto é ação educativa! Permitir que aconteça! Eu acho, às vezes, que nós enquanto educadores sentimos muito a responsabilidade de saber dar resposta: “ – *Ok, eu sou responsável pelas crianças, por este grupo de crianças, e então eu tenho de agir de alguma maneira! Se eu não estiver a agir eu não estou a fazer nada!*” Mas, assumir que este silêncio, esta não ação, é uma ação pedagógica! Eu acho que também temos que começar a assumir isto, enquanto profissionais.”

CO: “ – E saber quando intervir e quando não intervir! É um “jogo de cintura” que temos de estar sempre a fazer, em qualquer situação porque não é só numa atividade orientada, é na brincadeira livre, é tudo.”

SC: “ – Qual é o papel do educador nestas circunstâncias, neste lidar com o inesperado? Porque vamos para a floresta e não se sabe o que é que vai acontecer, o que é que vamos encontrar... há uma previsão: “Ok, choveu, sabemos que há poças de água, sabemos que aquele caminho está impedido e temos que ir por outro”, mas qual é a realmente o papel do educador? E o não fazer nada às vezes é angustiante para quem está nesta vivência, porque parece que não se está a fazer nada em termos da “minha” responsabilidade enquanto educador, não é?

Mas este observar é fazer muito, este observar é permitir dar espaço e depois agir em conformidade com as informações que o contexto nos dá.”

CO: “ – Mas a mãe foi uma corajosa, não é? Para além de ele ter caído na poça e manter-se ali, deixar que ele tire o capuz, deixar que a água lhe caia na cabeça, não é? Hoje em dia não temos assim muitas mães que consigam suportar esta dor de: “ – *Ele vai ficar constipado!*”.” (risos)

SC: “ – Eu penso que a mãe serenou, ou se conteve, não sei se serenou, porque eu realmente eu não consegui perceber o que é que ia dentro dela, mas eu penso que ela se conteve pela minha presença e por perceber: “ – *Ok, ela é educadora, ela é [a] responsável*”. Nós tínhamos ficado um pouco para trás porque o Afonso tinha-se interessado por outras coisas e sei que perdemos um pouco ritmo do grupo.”

CO: “ – Só isso, já viste? O terem ficado para trás porque o Afonso tinha-se interessado por outra coisa qualquer! Às vezes há muito aquela coisa de: “ – *Temos de acompanhar o grupo, temos de ir com eles, temos de fazer aquilo tudo, naquele momento*” e depois esquece-se o que a criança está a vivenciar individualmente. E vocês valorizaram essa parte do Afonso! Só isso foi maravilhoso!”

SC: “ – E numa vivência na natureza este olhar para a criança, único, é muito necessário porque é muito difícil, ou muito exigente, estar na natureza e colocares todo o grupo a fazer a mesma vivência. É muito exigente, a natureza abre um campo tão grande de possibilidades, e tão fascinante, que as crianças vão procurar aquilo que...quase que parece que é um íman, é atraída por esta circunstância ou outra. Uns é pelas poças, outros é pela árvore, outros é...”

CO: “ – O que estás a dizer é uma coisa que eu nunca tinha pensado. A natureza consegue dar resposta e despertar o interesse em todas as crianças! Todas! Eu não conheço uma única criança que fique completamente indiferente à natureza!”

SC: “ – É muito interessante perceber que a natureza dá realmente a resposta a tudo, ao nível mais profundo! Coisas que eu acho que

temos muito caminho para explorar. Não são só essas questões da aprendizagem, que nós já estamos muito habituados, do desenvolvimento motor, da linguagem, cognitivo, pronto, por aí fora, mas, também, uma dimensão mais interna. Por exemplo, até em termos emocionais...se a criança vem agitada e ela sabe que se calhar ir para as poças de água e saltar nas poças vai ajudar a acalmar e a restabelecer um certo equilíbrio que ela não traz. Ou outra situação qualquer! Eu acho que é mesmo...e as próprias crianças fazem estas escolhas! Tu observas que as crianças fazem escolhas diferentes consoante aquele dia, consoante aquele momento, consoante a circunstância em que está, consoante até com a mudança que aconteceu no cenário, não é? Porque hoje há poças e amanhã não há! E a própria criança tem de lidar com esta impermanência e fazer as escolhas em busca do bem-estar dela. E depois gera outras vivências e outras coisas... e acho que isto é um caminho muito interessante para se explorar ainda. Enquanto educadores olhar para isto e estudar, perceber o que é que está aqui. Colocar hipóteses, não é? O que é que pode estar aqui a acontecer? Realmente a natureza traz mesmo a possibilidade de cada um encontrar o seu bem-estar de diferentes maneiras, e dá resposta a necessidades.”

CO: “ – A natureza é mesmo isso, tu não tens só a vertente pedagógica, tens a vertente terapêutica, tens...e mesmo até nós, enquanto adultos, só o facto de estares ali confinada durante não sei quantas horas, naquele espaço, naquele quadrado, naquela sala, com não sei quantas crianças...em termos até acústicos, não ter a luz natural, as crianças todas ao mesmo tempo! A acústica de uma sala é completamente diferente do exterior. Termos 25 crianças na sala ou no exterior é completamente diferente! E a verdade é que, mesmo até em termos de envolvimento de famílias, se calhar a sala não permite, mas o exterior permite acolher todas as famílias! É a tal coisa, é tentar pensar em todas as possibilidades que a natureza pode oferecer, e são muitas, e depois tentar retirar o máximo, retirar o máximo daí!”

SC: “ – Acho que a natureza tem muito, muito, para nos permitir, e com ela iremos mais à frente em termos de aprendizagem, acho que é de benefício para todos!”

CO: “ – Para todos e se calhar até mesmo para a própria natureza, não é? É que só lidando com ela é que aprendemos a respeitá-la!”

SC: “ – No fim último a natureza tem o benefício que é o nosso *agradecimento* de volta, não é? De várias formas: desde não pôr o papel no chão, a pôr uma semente e [daí] nascer uma árvore!”

O conhecimento que a criança tem!

Autora da história: CO

Data do episódio: abril de 2019

Intervenientes: 3 adultos e 1 criança

Esta história é passada em nossa casa.

Estava a Carminho a preparar-se para ir para a cama, quando a campainha toca...

A Carminho tem 21 meses e, curiosa como é, tive de lhe explicar quem estaria a chegar a casa, naquele momento. Assim, disse-lhe que era uma amiga da mamã com o nome de Carina. Começou logo a tentar perguntar qual era a Carina, já que temos outras na nossa vida.

Assim, que a nossa amiga entra, estávamos a vestir o pijama e ela vem-nos cumprimentar. A Carminho também a cumprimenta e trocam algumas palavras. Foi então que a Carina diz, mostrando uma expressão mais apreensiva: “Vim aqui empatar o pai!”.

Assim que ouve isto, a Carminho começa a chorar muito aflita, sendo necessário o miminho da mãe para a acalmar. Ao mesmo tempo, fui-lhe explicando que a Carina não vinha fazer mal ao pai e que era muito amiga dele. Ela só queria que o pai arranjasse o telemóvel. A Carina, aflita com a situação, abraça o pai, mostrando que era sua amiga e que não lhe queria fazer mal, ao mesmo tempo que tentava obter um *feedback* da Carminho. A Carminho começa a acalmar-se e questiona-me, tanto a mim como a Carina, no sentido de perceber se era mesmo verdade. Assim, que entendeu o que a Carina queria dizer começou a acalmar imediatamente. A Carina foi-se embora e até teve direito a um beijinho de boa noite.

Conversa entre CO e ISD

ISD: “ – História sobre um contexto familiar. A importância da rotina e de seguir todos os passos. O facto de aparecer alguém e interromper essa rotina, que veio cortar aquele momento de proximidade. Se tens

um conjunto de procedimentos que compõem a rotina para ajudar a adormecer e se cortamos esses passos como o toque da campainha, isso já é um sobressalto.”

CO: “ – Sim, nós tínhamos sempre um ritual. Tomar o banho, pôr o creme, vestir o pijama, contar a história e ir dormir. Ela sempre foi muito sensível com os sons, com o sofrimento dos outros, com expressões mais carregadas.... E ali, claramente, a expressão que ela fez.... Ela fez uma expressão supercarregada.... E o que ela queria dizer é que não queria atrapalhar, não queria ter uma conotação negativa. E na altura ela não percebeu o significado daquela palavra (“empatar”) e ela ligou-se mesmo à expressão facial que a Carina fez na altura. Ela ficou mesmo desesperada! Às tantas já era a Carina a dar abraços ao pai e a dizer que eram amigos e o pai a sorrir. A importância da nossa expressão facial e de haver uma concordância com o que estamos a dizer. Até nós, na nossa prática, é um complemento.”

ISD: “ – Eu quando li a história fiquei com esta questão da rotina e de qual era a rotina e o que significa interromper uma rotina que já está enraizada nas crianças. Que é um momento de proximidade. Dar o banho, pôr o creme, mudar a fralda, contar a história.... De repente, alguém toca à campainha e vem cortar essa rotina, também cria ali algum desequilíbrio. Quando há uma mudança de uma rotina, o que é que isso pode implicar, mesmo que tenha sido verbalizado que vem aí uma pessoa. É uma mudança e tem implicação no comportamento da criança.”

CO: “ – Aí tinha duas situações. A interrupção por uma pessoa e, para além de ser uma pessoa, era completamente desconhecida. A Carinho não conhecia a Carina.”

ISD: “ – Tu a certa altura, dizes que ela começou a tentar associar às “Carinas” que ela conhecia. Realmente, o nosso mundo é feito, principalmente das crianças, das pessoas com quem nós temos contacto. Se ouve Carina, se calhar Carina é aquela pessoa, aquela, aquela.... Não é uma coisa em abstrato. Vem aí uma Carina e tem de ter uma identidade, para a criança tem de ter uma identidade física. Mas é engraçado pensar nisso.”

CO: “ – Nós próprios, quando nos lembramos das pessoas, vêm logo um

conjunto de imagens à cabeça, para nos darem referências e a ela aconteceu a mesma coisa.”

ISD: “ – Primeiro é a capacidade que a criança tem já de, ouve um nome e é capaz de ir buscar não sei quantas pessoas, porque conhece. Outra coisa também engraçada de pensar é: ouves Carina e, se não são aquelas pessoas, parece que deixa de existir. Parece que não sabe o que é. Se a criança não conhece, para ela não é visível, não é concretizável, porque não consegue ter essa percepção. Neste caso é uma pessoa, pode ser outra coisa e elas não têm esse referencial.”

CO: “ – As coisas têm de ser mais materializadas, não é?”

ISD: “ – Têm de ser materializadas, mas ao mesmo tempo é.... Ela conhece “Carinas”. Quando tu disseste “Carina”, na cabeça da Carminho, há de ter pensado naquela Carina, naquela Carina, naquela Carina... Portanto, há uma rede e esta seria mais uma a acrescentar a um conjunto de “Carinas”. Se não é nenhuma daquelas, há mais uma a acrescentar. Como de certeza, se agora falam de Berta, na cabeça da Carminho é a irmã. Se vai conhecendo outras Bertas, vai acrescentando àquela lista que ela conhece. A questão da expressão. Tu estavas a falar do “não verbal” são as expressões que nós, às vezes, utilizamos, no verbal, mesmo o “empatar”, “Não vim empatar o pai” ... às vezes, saem-nos as coisas e nós nem paramos para pensar no impacto das palavras. Tu tens esses dados do “não verbal”, mas eu na história não tenho esses dados e quando vi a expressão achei engraçado pensar “Isto era uma coisa que também me podia ter saído a mim”. E realmente, o “empatar” para uma criança, o que é que significa? A forma como muitas vezes usamos esta palavra é no futebol ou no desporto. Estão empatados.... É engraçado perceber o nosso vocabulário, as expressões que nós utilizamos e o impacto que elas podem traduzir noutro contexto. De certeza absoluta que todos nós fazemos isto. Utilizar uma série de expressões que nem nos passa pela cabeça que seja... que tenham assim um significado tão estranho para as crianças. A ligação do verbal com o não verbal também é imprescindível. Ser minimamente coerente, que nem sempre é fácil. Uma pessoa nem sempre tem a noção da sua expressão não verbal. Mais do não verbal ou a forma como olhamos... Às vezes, não temos essa noção, ou se franzimos os olhos.... Às vezes, não temos essa percepção, porque também não

temos um espelho à nossa frente.”

CO: “ – Depois também há quem não tenha tanta expressão. Há pessoas que não são tão expressivas, que são mais lineares, que falam e que não transmitem a expressividade das palavras que vão falando.”

ISD: “ – Também é engraçado perceber o papel de cada um de vocês depois. O Pedro passou a ter aí um papel importante na história. O Pedro foi importante para depois....”

CO: “ – A Carina esteve super bem. Se fosse outra pessoa... A Carina e o Pedro raramente falaram. Não se conheciam, se fosse outra pessoa não teria esta sensibilidade de abraçar o Pedro em prole da Carminho. Ela pensou logo: “ – *Um abraço é uma coisa próxima que só pessoas que tenham confiança fazem.*”.”

ISD: “ – Essa ainda é outra dimensão.... Como é que nós podemos manifestar uma emoção positiva, quando a criança está a vivenciar uma situação angustiante para ela? É engraçado, porque o Pedro não fazia parte da história, ou seja, veio para trabalhar com a Carina, mas depois o Pedro teve um papel muito importante para ajudar a Carminho a acalmar. É engraçado como terceiras pessoas.... Terceiras pessoas no sentido em que não serão as personagens principais daquele episódio, mas depois serão as personagens determinantes para ajudar a acalmar. Quando olhamos para uma situação estamos muito circunscritas àquela situação e àquelas pessoas e, às vezes, vindo outra pessoa também facilita essa resolução. Perceber como se pode acalmar uma criança, como é que se pode ajudar a criança a acalmar as suas emoções, porque no fundo o que se tratou foi disso. Ela ficou agitada, ficou assustada e agora como é que vamos ajudar a criança a alterar o seu estado emocional, de forma que fique calma outra vez? E lá está, de forma que se possa retomar a rotina. E voltamos outra vez ao início.”

CO: “ – A ID estava a dizer a importância de vir uma terceira pessoa...às vezes, até nós na nossa prática, quando há uma criança que está a fazer uma birra qualquer e aquilo é na relação comigo.... Eu estou com aquela criança e houve qualquer conflito entre nós as duas, na nossa relação; e às vezes basta eu fingir que vou fazer outra coisa qualquer e vir outro adulto falar com a criança e dizer exatamente a mesma coisa que eu es-

tou a pedir. O facto de entrar uma terceira pessoa, acaba por conseguir resolver e ajudar a criança a voltar outra vez à calma e a pensar com coerência.”

ISD: “ – E depois se nos quisermos focar no comportamento da Carina.... No fundo, ela sentiu que foi ela que causou aquela situação e quis, de alguma maneira, resolver aquela situação. Depois é a forma como se resolve. A resposta que ela dá, as estratégias que ela utiliza para poder ajudar naquele caso a Carminho.”

Momento(s) de Escuta

Autora da história: MG

Data do episódio: março de 2020

Intervenientes: 1 adulto e 6 crianças

Ao final da tarde, no momento de entrega das crianças aos pais, é habitual ficar um grupo mais reduzido de crianças em contexto de sala. Neste dia, as crianças que ficaram comigo foram o Luís (32 meses), a Carminho (28 meses), o Gonçalo (27 meses), a Luísa (27 meses), o Tiago (25 meses) e o Marco (28 meses).

Aproveitei mais uma vez este momento para observar o grupo enquanto eles brincavam e verifiquei que se iniciava um pequeno conflito entre o Luís que brincava com um dos bebés da sala e um biberão e o Gonçalo que queria tirar o biberão ao Luís.

Antevendo a possibilidade do Gonçalo sofrer uma mordidela por parte do Luís decidi intervir. Aproximei-me e baixei-me para conversar com os dois e explicar ao Gonçalo que o Luís estava a dar leite ao seu bebé e que assim que terminasse ele lhe emprestaria o biberão. No entanto, o Gonçalo não ficou convencido com a minha explicação e quando percebeu que eu me afastava para junto das restantes crianças, voltou a tentar tirar o biberão ao Luís gerando novo conflito envolvendo algum choro.

Apesar de haver outro biberão na sala e de o ter apresentado ao Gonçalo, ele rapidamente disse não o querer e querer o do Luís.

Neste momento, as restantes crianças aproximaram-se para observar o que se passava. A Carminho trazia um bebé e a Luísa também. Aproveito que elas se aproximaram e mostro ao Gonçalo que elas também não têm nenhum biberão e que estão a embalar os bebés pois eles estão com muito sono.

O Marco que, sempre que me vê baixada, aproveita para se aninhar nas minhas costas aí fica a observar os amigos e o Tiago continua a brincar com as peças de encaixe, na mantinha, um pouco afastado.

Como o Gonçalo continuava a chorar decidi mudar de estratégia e per-

guntei-lhe se queria ir deitar o seu bebé na mantinha, para poder dormir um pouco.

A Carminho e a Luísa seguiram-nos e o Luís ficou a observar-nos enquanto fomos deitar os bebés. A Carminho deitou o seu bebé e convidou a Luísa a deitar o seu bebé ao lado do dela. O Tiago aproximou-se e vi a sua curiosidade em juntar-se ao grupo e disse-lhe para ir buscar também um bebé para si.

Entretanto, cada uma das crianças tinha consigo um bebé! Seis crianças em sala para os seis bebés que temos! Que bom!

O Luís ao ver os amigos a alinhar os bebés na mantinha, aproximou-se e deitou também o seu, ao lado dos restantes. Entretanto, olhou para mim e pediu uma manta para tapar os bebés que queriam dormir. Rapidamente improvisei uma manta, estendi-lha e ajudei-o a tapar todos os bebés.

Os amigos ajoelharam-se junto dos bebés sorrindo e, entretanto, o Luís coloca o dedo indicador junto aos lábios, pedindo silêncio aos amigos e começa a cantar “Brilha, brilha lá no céu...” Foi um momento delicioso de observar! Foi bom ver este momento de tranquilidade e partilha entre eles quando ainda há pouco tinha surgido um pequeno conflito. Assim como também foi agradável ouvi-los a cantar em uníssono! Ao chegar a mamã do Luís partilhei com ela este momento, ao que ela referiu que ele só adormece quando ela lhe canta esta canção.

Conversa entre MG e IK

IK: “ – Gostei de ler a tua história. Levou-me a pensar como aqueles momentos de fim de tarde que são de espera para a educadora e para as crianças, podem ser exigentes tanto para as crianças como para a educadora. Não achas?”

MG: “ – Concordo. Principalmente quando as crianças percebem que os amigos já se vão embora e que eles ficam. É importante mostrar-lhes tranquilidade, que está tudo bem e que podem continuar a brincar e a interagir.”

IK: “ – É interessante ver como em toda a história tu estás atenta e apaziguadora. Vais observando, dás espaço às crianças, interages quando é necessário e de acordo com as características das crianças. É notório como lhes dás a possibilidade de satisfazerem o seu interesse pela representação de situações do quotidiano. Isso acontece muitas vezes?”

MG: “ – Naquele grupo, aos poucos estava a começar a observar mais. O Luís tinha o hábito de fazer o jogo do “faz de conta”, jogo simbólico. E, então, os outros amigos entravam no jogo dele. Era bonito observar.”

IK: “ – Ali também se vê um clima de aceitação de quem eles são, com as características que têm. Eles seguem o que dizes e revelam que sabem que tu estás a acompanhá-los, proporcionas um clima pacificador e construtivo, em que acompanhas as crianças e as crianças também te acompanham. Sentes isso?”

MG: “ – Sim, sinto. Por exemplo, eu tinha 6 crianças e sabia que uma ou duas delas não estavam diretamente envolvidas no jogo das outras. Não quis “obrigá-las” a envolverem-se com os outros. Deixei-as fazerem o seu jogo paralelo. E foi engraçado que, sem eu ter essa intenção, no fim acabaram todas por se envolver.”

IK: “ – Conseguiu *dissolver* o conflito que ali se estava a gerar, procurando focos diferentes. O foco de atenção passou para uma ação em que poderiam participar todos. Era uma surpresa cativante para as outras crianças e, por isso, aderiram. Aderiram cada uma por si, mas aderiram porque o foco interessava a todas.”

MG: “ – Exatamente. Tiveram curiosidade, sim, sim. Eu penso que se nós pudermos proporcionar um ambiente que favoreça a partilha, que seja um estímulo para a partilha e para a compreensão dos outros, daí virão aprendizagens.”

IK: “ – Esse estímulo à partilha também foi facilitado quando lhes propuseste representar um facto, adormecer o bebé, usando o mesmo tipo de objetos, cada um por si, mas estando todos. O ambiente era um ambiente de jogo simbólico. Começou cada um por si com o boneco, ou

o boneco e o biberão, depois andaste por ali com eles com o boneco ou boneco e biberão: “ – O meu e o teu”; depois: “ – Aqueles estão a dormir e se tu pusesse também o teu....” Cada um arranhou o seu espaço. E o Luís é que pediu a manta.

MG: “ – A manta até foi uma toalha. Mas surgiu logo ali e foi uma solução. Para mim, questiono-me: se eu não tivesse arranjado uma manta, o que é que eles teriam pensado? Mas foi muito agradável. Eu fiquei mesmo emocionada. Ainda antes de falar com a mãe pensei: “ – Se calhar a mãe do Luís, para o adormecer, canta esta canção.” Depois, quando falei com ela, contei-lhe o que se passara e ela disse-me que lá em casa lhe cantava a canção do “Brilha, brilha” para o adormecer.”

IK: “ – Eles propuseram e tu respondeste, tu deste uma dica e eles também. Não todos, mas deram dicas à sua maneira, mesmo sem palavras, e representaram. Assumiram papéis, individualmente, sem interagirem. Brincaram paralelamente, como é característico destas idades, e no mesmo espaço.”

MG: “ – Naquela altura, quem falava melhor era o Luís, o Gonçalo e a Carminho. Os restantes ainda não falavam com clareza. Mas depois, passado pouco tempo, começaram todos a falar um pouco mais. Recordo-me que a Luísa, então, nem brincava muito, nem interagia muito e até se afastava dos amigos. E, naquele dia, o que se passou foi importante e agradável. Gostei de ver o envolvimento dela. Porque apesar de falar pouco, deu uma gargalhada e sorriu, a achar engraçado. Foi bom ver! Foi um momento em que uma criança tímida também acabou por se envolver. Eu pessoalmente gosto muito de deixar fluir, deixar que as crianças usufruam do momento, sem pressionar. E às vezes também gosto de procurar compreender o que é que a criança está a pensar naquele momento, o que é que estará a viver.”

IK: “ – Lembro-me de te ter ouvido dizer numa reunião, e a história reafirma, como gostas que as crianças se manifestem e aproveitas o que elas te dão como indutor da ação educativa.”

MG: “ – É isso mesmo. É importante dar voz à criança, deixá-la, mesmo que não fale pode usar outras formas de comunicar. Sabemos que o

grupo pode ser grande e podemos não ter a capacidade de chegar a todos naquele dia, mas observar um bocadinho hoje, outro bocadinho amanhã, e depois refletir sobre esses momentos e registar, é importantíssimo.”

IK: “ – Tens uma série de valores educativos que te levam a isso. Tu observas, lês, refletes e escreves, portanto, procuras saber o que valorizas a nível pedagógico.”

MG: “ – Se calhar não serão as mesmas coisas que outras colegas valorizam. Interessa-me criar alicerces e depois mais tarde virá o resto. Permitir que a criança ao sair da creche, depois de ter estado ausente de casa, possa saber que aquele ambiente também é dela.”

IK: “ – Conseguiste acompanhar as crianças e deixar que elas te acompanhassem. Penso que isso é importante para as crianças e para ti como educadora: foi um estar em conjunto.”

MG: “ – Sim, aquele momento foi mesmo em conjunto.”

IK: “ – Elas ficaram contentes, calculo que se tenham sentido bem a cantar todas em conjunto. Já nem havia memória do conflito inicial nem da vontade de morder.”

MG: “ – Não, naquele momento já não havia nada disso e todos eles se riam. Foi muito giro. Mesmo em termos da autoestima e autoconfiança, que nós precisamos muito de incentivar, é bom permitir que a criança se sinta bem no grupo e que tenha possibilidade de experimentar e tentar fazer algo.”

IK: “ – Já viste que aqui na tua história o Luís era o potencial mordedor e depois foi ele que desencadeou o cantar em conjunto?”

MG: “ – Pois foi. Ele consegue despertar nos outros a vontade de se envolverem. E, em geral, todos eles gostam muito de cantar e eu também gosto muito de cantar.”

IK: “ – Nestes cerca de 15 minutos da tua ação educativa, agarraste num momento de jogo simbólico em risco de se tornar conflituoso, foi andando, tu foste observando, dando dicas, as crianças foram reagindo cada uma à sua maneira e, com as tuas dicas/surpresas, foste introduzindo novos focos de atenção que atraíram todas as crianças. Cada uma teve

lugar no desenrolar de uma situação gratificante que culminou com o cantar do Luís para adormecer o seu bebé e a que todas se juntaram, cada uma com o seu.”

MG: “ – Pois foi, uniram-se todas e eu juntei-me também.”

IK: “ – Eu gostava de ter ouvido as crianças cantarem em conjunto o “Brilha, brilha lá no céu...” A sequência parece uma coisa de um filme preparado para dizer como é possível.”

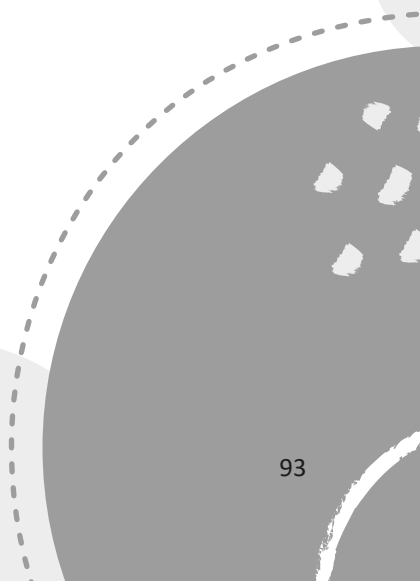
MG: “ – É verdade!”

IK: “ – Este processo todo, que tu conduziste daquela forma, terá contribuído para que aquelas crianças fossem para casa bem-dispostas.”

MG: “ – Eu acho que foram todas para casa bem-dispostas e felizes. E eu também! Cansada, mas satisfeita.”



3. EM JEITO DE (IN)CONCLUSÃO ...



Conversar sobre as histórias não lidas do Grupo Projeto Creche (entre os anos letivos 2013-2014 e 2019-2020) foi um processo de mais de um ano letivo, que percorreu várias fases e respondeu a diversos desafios. No ano letivo 2019/2020, surgiu a ideia de alguém repescar as histórias (ainda) não lidas e dar-lhes um novo olhar. A sua riqueza justificava este intuito pelo que depressa esta ideia foi acolhida por todas. Com a perspetiva do trabalho que tínhamos pela frente, e com a anuência de todas, definiu-se uma equipa de trabalho (interna) para equacionar a metodologia a utilizar e os procedimentos a adotar neste novo projeto do grupo.

No início do ano letivo 2020/2021 (ano de pandemia!), houve um primeiro desafio: identificar todas as histórias não lidas e aferir a disponibilidade das suas autoras para as partilharem oralmente com os seus pares. Como algumas histórias datavam dos anos letivos 2013-2014; 2014-2015; 2015-2016; 2016-2017; 2017-2018, contactaram-se as autoras não pertencentes no presente ano ao Grupo Projeto Creche. As que manifestaram interesse, em connosco fazer este caminho, exteriorizaram o seu contentamento por visitar as experiências tidas e as vivências no GPC. Com esta primeira etapa concluída, auscultaram-se os elementos do grupo que estariam disponíveis para conversar com as autoras, deixando a responsabilidade da metodologia a adotar a cada par (cada díade decidiu quando, onde e como decorreria a conversa). O processo de encetar as primeiras conversas foi sentido por cada díade como um desafio prazeroso, ainda que com algumas dúvidas quanto à sua operacionalização (será para preparar algumas questões prévias? Será melhor gravar a conversa? Estando a conversa gravada, como fazer a sua transcrição? E como “recortar” esta nossa maravilhosa conversa para caber em 3 ou 4 páginas sem perder a nossa autenticidade comunicacional e, ao mesmo tempo, mantermo-nos fiéis aos assuntos emergentes?...).

Ao longo de várias reuniões de grupo, fomos debatendo as dúvidas surgidas e partilhando olhares e experiências de forma que todas se sentissem confortáveis e acompanhadas. Este processo co-construído originou trocas que evidenciavam bem-estar e implicação das intervenientes neste caminho que se foi fazendo a caminhar em parceria.

Pela primeira vez na história do nosso grupo vimo-nos embrenhadas

num trabalho conjunto em que todos os elementos participaram. Todas tivemos o mesmo foco de reflexão na ação e todas cuidámos para que as nossas singularidades individuais e as singularidades de cada par se manifestassem. Expressámo-nos na diversidade daquilo que somos e, ao mesmo tempo, na nossa unidade. Foi-nos desafiante reduzir em três ou quatro páginas cada uma das nossas conversas que demoraram, em alguns casos, horas (pois o ato de reflexão não tem limites, multiplica-se a cada instante). Porém, tanto nas leituras individuais que fizemos das histórias e suas conversas, como no seu conjunto, percebemos que elas não deixam, ainda assim, de expressar os nossos entendimentos sobre a educação, particularmente a educação dos 0 aos 3 anos. Percebemos que a ação educativa com crianças tão pequenas traz ao de cima uma ação pedagógica cheia de subtilezas importantes e determinantes que importa não deixar perdidas nos nossos quotidianos, tantas vezes acelerados. Acreditando no potencial da narrativa e da reflexão, optámos por divulgar estas histórias e conversas para que assim possamos partilhar e expandir aquilo que é apanágio do Grupo Projeto Creche, escutarmo-nos no silêncio de uma leitura individual, na oralidade e na escrita individual que se torna coletiva.

Esperamos, com esta partilha, que quem “nos escute” se delicie tanto como nós em cada conversa; que se (re)encontre com as subtilezas (pedagógicas) de partilhar o quotidiano com crianças pequenas e que se sinta entusiasmado a saber mais sobre elas. Esperamos, acima de tudo, que nunca deixe de acreditar e valorizar as suas *histórias com as crianças*, pois é nesta simplicidade do quotidiano das vivências que residem os detalhes transformadores.

